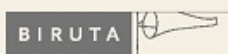


2083

VICENTE MUÑOZ PUELLES

Tradução AMÉRICA MARINHO e SANDRA NUNES



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade poderá
enfim evoluir a um novo nível."

SUMÁRIO

O FIM DOS LIVROS

O ROMANCE PERDIDO

A BIBLIOTECA DOS LIVROS OCULTOS

VIAJE SEGURO PELA BIBLIOTRAVEL!

GREGOS OU TROIANOS

VIAGEM A DOM QUIXOTE

O OUTRO DAVID

A ILHA DO AMOR

REGRESSO AO PRESENTE

O LIVRO RECUPERADO



O FIM DOS LIVROS

Pa e eu nos amávamos muito, mas falávamos pouco, principalmente desde a morte de Ma. Era como se nossa capacidade de comunicação dependesse dela e o seu desaparecimento nos tivesse deixado sem palavras.

Ainda que Pa tivesse muitos amigos, raramente trazia alguém em casa. Quanto a mim, só tinha um grande amigo: o Marc. O problema era que ele tinha se mudado para os Estados Unidos com sua família e, agora, somente nos falávamos por videoconferência. Assim, eu passava a maior parte do dia entre a teleaula e os videogames, sem nenhuma companhia, a não ser o Nove, meu cão robô. Pa e Ma me deram o cachorro no meu nono aniversário. Agora, mesmo com os meus dezesseis anos, o cachorro continua se chamando Nove.

Pela manhã, Pa se levantava muito cedo, para chegar a tempo ao trabalho. Imagino que já devia estar na agência quando no meu quarto soava a voz alegre do despertador:

– Bom dia, David! São oito da manhã, hora de levantar.

Com frequência eu ficava um pouco mais na cama, fazendo farra com o Nove e então me sobrava pouco tempo para lavar o rosto, escovar os dentes e tomar um café rápido antes de começar a teleaula. Ao meio dia, Pa comia na agência e eu, em casa, sempre na cozinha. Mas, chegando a noite, pegávamos as bandejas com a comida recém-hidratada e nos sentávamos na sala diante da grande tela do telessensor, como no tempo em que Ma vivia.

Era nossa maneira de guardar Ma na lembrança. Ainda que nunca tivesse comentado isso com Pa, imagino que ele também pensava assim. Fazendo a mesma coisa que fazíamos quando Ma estava conosco, nós acreditávamos que ela não tivesse morrido realmente e somente tivesse se ausentado por umas horas. Só que, como já falei, Pa e eu tínhamos pouco a dizer um ao outro. Ou tínhamos

muito, mas perdemos o costume.

Em uma dessas noites, começou esta história, que na realidade são várias histórias. Nove estava nos meus pés com os olhos fechados, perdido em algum sonho eletrônico, e eu mastigava um hambúrguer de carne vegetal.

De repente, no telessensor apareceu uma paisagem quase lunar: uma montanha ressequida e nua, esburacada, com uma série de covas. A voz do locutor era neutra e impessoal, com um timbre metálico:

– Membros do Serviço Arqueológico – anunciou – encontraram, no interior de uma escavação, um depósito de livros de papel, em excelente estado de conservação. Quase todos datam do princípio deste século, mas alguns são anteriores. O achado é muito importante para os historiadores, que agora têm diante de si a tarefa de catalogá-los e comprovar se há exemplares dos mesmos nos vastos galpões da Docoteca Nacional. É bom lembrar que os primeiros livros eram copiados à mão. A imprensa, que foi inventada na China, chegou à Europa no século XV. Os livros de papel deixaram de ser comercializados a partir de 2050, isto é, há pouco mais de 30 anos. Não se explorou completamente toda a escavação, pois seu acesso ainda é difícil, o que significa que novas descobertas podem ser feitas.

Na tela, dois homens com luvas e máscaras iluminavam e abriam com cuidado uns envoltórios de plástico, extraindo objetos retangulares de diversos tamanhos e cores, que dispunham sobre uma mesa ampla.

Também a imagem do locutor parecia neutra e impessoal. Não era um robô, como outros locutores. Era uma criatura virtual, desenhada por um computador para satisfazer os gostos do espectador médio:

com traços regulares, roupa convencional e fala pausada. Tinha a vantagem de nunca vacilar nem se equivocar, mas às vezes nos fazia rir, porque suas palavras não coincidiam com os movimentos de seus lábios.

– Notícias do meio ambiente – continuou dizendo. – Apesar dos intensos esforços das instituições e do pessoal especializado, a desertização continua avançando na metade sul do país. Nas províncias de Andaluzia Oriental...

De repente, Pa fez o gesto de apertar um botão no ar e o telessensor emudeceu. Com ele acontecia o mesmo que comigo. As notícias sobre a mudança climática, a erosão da cobertura vegetal, a seca e o avanço incomparável dos desertos nos deprimiam, porque se repetiam continuamente e não percebíamos nenhuma melhora. Era como se a cada dia nos anunciassem que as ruas iam se encher de areia e que caravanas de camelos iriam substituir os automóveis e os trens de levitação magnética. Para que lembrar isso, se não iriam fazer nada para impedir?

Eu continuava pensando na notícia anterior. Por alguma razão desconhecida, a descoberta na escavação havia me impressionado.

– Pa, como eram exatamente os livros? – perguntei.

Ele me olhou com estranheza e eu me arrependi de ter feito uma pergunta tão boba.

– Achava que soubesse. O que é que você aprende na teleaula?

Pa estava convencido de que o ensino havia decaído muito, em comparação com o seu tempo de estudante. Acontece que ele considerava um atraso, por exemplo, que os alunos assistissem à aula no monitor, sem sair de casa, ao invés de irem todos os dias para o colégio ou para um instituto, como todos faziam na sua época. Para mim, ao contrário, a teleaula parecia um grande avanço.

Não entendia como as crianças tinham suportado aquele tipo de coisa durante anos.

– Aprendemos um montão de coisas úteis – afirmei. – Nanotecnologia, buracos negros, os últimos avanços em computação... Este ano teremos engenharia genética pela primeira vez.

– E você nunca ouviu falar dos livros?

– Claro que ouvi. Não sou tão ignorante. Mas não me lembro de ter visto nenhuma vez livros de papel de verdade. Eram esses objetos que os arqueólogos tiravam dos envoltórios, na tela?

Pa concordou com a cabeça, enquanto mastigava.

– A única coisa que sei é que existiam antes da era digital, que serviam para guardar informação e que saíram de moda ou foram proibidos.

Pa ficou pensando. Tenho a impressão de que hesitava entre calar, como costumava fazer, ou iniciar uma conversa séria comigo. Tinha ficado calado durante muito tempo. Talvez pensasse que Ma tivesse me explicado. Além disso, como logo descobri, os livros eram realmente importantes para ele.

Ele terminou seu prato e deixou a bandeja em uma mesinha. Falou comigo vagarosamente e me olhou no rosto, como se quisesse ter a certeza de que eu estava compreendendo.

– No Oriente – ele me explicou, e esta antiga expressão, Oriente, ressoou em meus ouvidos como sinos –, os livros tinham muitas formas. Mas aqui, no Ocidente, costumavam ter forma de códice: um maço de folhas de papel, costuradas ou coladas entre duas capas. As folhas, como sem dúvida você sabe – enfatizava ele brincalhão – eram cobertas de letras. O papel para os livros era feito de tecidos ou da polpa de madeira. O primeiro era forte e

duradouro, mas o obtido da polpa de madeira amarelava, se despedaçava e por fim se desintegrava todo, porque tinha muito ácido. Porém o importante não eram os livros em si, mas sim o que eles transmitiam. Quando alguns eram abertos, parecia que se ouvia a voz de seus autores, mortos talvez há milhares de anos. Às vezes, eles eram tão emocionantes que era preciso parar de ler e levantar a cabeça, para poder pensar o que havia sido lido ou descansar por um momento.

– Quer dizer que eram como os videogames?

– Eram mais emocionantes que os videogames – ele parecia fazer um esforço para recordar. – Já sei que há videogames muito atraentes e eu mesmo, na sua idade, dedicava a eles muito tempo. Mas a satisfação que me proporcionavam os bons livros era mais profunda e também muito mais duradoura. Quando as pessoas liam os livros, elas se transformavam em outras pessoas, se sentiam de um modo diferente e eram tomadas por ideias e perguntas que nunca tinham pensado antes. Era como se pudessem estar em vários lugares e viver várias vidas ao mesmo tempo.

– Então, você chegou a ler alguns?

– Sim, claro. Na sua idade tinha lido pelo menos três: *O Lazarilho de Tormes*, *As aventuras de Arthur Gordon Pym* e *A metamorfose*. Cada um era muito diferente do outro, mas gostei de todos os três apaixonadamente.

Pronunciou os títulos com deleite, parecia que saboreava os nomes com avidez e isto me fez pensar na sobremesa.

– Você quer mais alguma coisa, Pa? – disse enquanto me levantava.

– Não, não.

Fui à cozinha, tirei do congelador um sorvete de pistache e pus na

massa deliciosamente colorida umas gotas de suplemento vitamínico. Tinha uma ideia que não podia tirar da cabeça: se os livros eram tão emocionantes, por que haviam sido proibidos?

De novo na sala, eu perguntei para Pa.

– Eles não foram proibidos porque não foi necessário – ele me respondeu como quem registra um mundo que se perdeu. – Era isso mesmo que eu estava querendo dizer a você. Simplesmente, as pessoas deixaram de ler livros. Houve um tempo em que ainda eles, os livros, eram comprados, mas por puro acaso. Simplesmente porque os meios de comunicação, a mídia e o mundo das aparências prestigiavam quem lia livros e uns poucos leitores ainda precisavam ler. Mas até estes deixaram de existir e ninguém mais comprou livros. E depois, para quê ter livros, se todos já haviam sido ou estavam sendo escaneados e se encontravam disponíveis na Cosmonet, em forma de arquivos digitais? As pessoas entravam na rede e liam um fragmento, uns dois parágrafos e pronto. Logo buscavam outro título e liam outro fragmento. Mas os bons livros tinham de ser lidos por inteiro. Seu mérito não dependia somente das histórias que contavam, mas do lugar das palavras, da ordem das frases e sobretudo do ritmo da história. Compreende?

– Mais ou menos – respondi com dificuldade, porque tinha a boca cheia de sorvete.

– Em algum momento – continuou Pa – foram inventados os leitores eletrônicos portáteis. Era possível ler não apenas os livros neles, mas também estar a par das notícias. E eles serviam para navegar pela Cosmonet.

– Eu vi no Museu Virtual e eles eram parecidos com os antigos celulares.

– Porém um pouco maiores – enfatizou Pa. – Durante anos, os

livros de papel continuaram sendo impressos, mas com o tempo isto também deixou de ser feito. Os leitores eletrônicos iam ocupando o lugar deles e cumpriam sua função com vantagens. Bastava apenas um só leitor eletrônico e era possível ler todos os livros. Não precisava mais do que estar na Cosmonet. Quando eu nasci já não existiam as livrarias, que eram os lugares onde se vendiam os livros de papel. Ninguém imprimia livros, mas ainda restavam muitos, porque haviam sido editados durante séculos. Todo mundo se desfazia deles, com a desculpa de que ocupavam muito espaço nas casas, estragavam ou ficavam cheios de pó e eram difíceis de limpar. Muita gente chegou a dizer que transmitiam doenças, que era perigoso dormir em um quarto onde havia livros. Poucos, muito poucos, se deram o trabalho de levar os livros às bibliotecas públicas, onde poderiam ser conservados. Simplesmente atiravam ao lixo ou incineravam livro por livro como quem se livra de um mal.

– E esses livros da cova?

Pa deu de ombros.

– De vez em quando acontecem achados assim, em covas ou em casas abandonadas. Alguns amantes dos livros devem ter escondido os seus ali para não se perderem. Não confiavam nas instituições para preservar esses objetos, para eles tão preciosos. Por sorte, sempre existem pessoas que agem de modo muito diferente...

Quando perguntei por que nem ao menos ele lia livros, Pa sorriu fragilmente, e agora ele estava se desculpando.

– Em primeiro lugar, porque os livros são muito escassos e somente se encontram depois de muita procura. Em segundo lugar, porque eu também perdi o hábito. Quando ninguém mais lê, e continuamos lendo livros, nós temos a impressão de sermos um bicho estranho. De qualquer modo, eu posso dizer que continuo

mantendo uma relação com eles, através da agência.

– O que quer dizer?

– Por que você acha que a agência onde eu trabalho se chama Bibliotravel?

– Não tenho a menor ideia.

– Porque, na Grécia Antiga, o livro recebia o nome de *biblion*. É uma agência de viagens ao interior dos livros.

Eu fiquei atônito. Um pedaço de sorvete verde fosforescente caiu da minha colherzinha diretamente para a bandeja.

– Uma agência de viagens para dentro dos livros! – exclamei. – Eu pensava que eram especialistas em viagens virtuais pelo espaço, como a maioria das agências que existem por aí.

– Foi assim que começamos, faz alguns anos. Logo descobrimos que, apesar de nossos clientes não terem interesse pela leitura, sentiam falta de uns cenários e umas paixões que não poderiam ser encontrados na vida real, mas sim nas páginas de alguns livros. E não era nada arriscado. Podiam viajar em um romance, em um drama, ou ainda, em um poema longo – ele me sondava querendo saber se eu distinguia os gêneros –, intervir nele e voltar ao mundo de todo dia, com novas experiências e sentimentos, mas sem que suas existências fossem afetadas.

– Mas viajam mesmo? Quero dizer, se transportam para esses lugares onde os livros acontecem? Ou acreditam que viajam e vivem essas histórias?

– As duas coisas.

– As duas coisas!

– Você me compreenderia se tivesse lido um livro. Onde fica o leitor de livros quando lê? No livro ou fora dele? Quando se lia um bom livro, era como percorrer os lugares descritos. Mas, ao mesmo

tempo, isto tudo acontecia com a pessoa sentada ou na cama. Com nosso sistema, os clientes têm a impressão de viver plenamente as aventuras dos livros e de conhecer seus heróis e heroínas – não notam a diferença. E, quando regressam, suas lembranças são tão vívidas como as aventuras de qualquer viagem, ou talvez mais.

Tentei ver a mim mesmo viajando pelo interior de um livro, como os clientes de Pa, mas não consegui.

Nove continuava jogado no chão e seu focinho tocava levemente meu tênis. Subitamente se levantou e me fez um agrado com um grunhido amistoso. Era sua maneira de anunciar que tinha chegado a hora de ir para a cama.

– Sabe? – eu disse a Pa, da porta da sala. – Você e eu deveríamos conversar com mais frequência.

– Tem razão. Se você quiser, de agora em diante... – interrompeu, ficando pensativo e calado. – Espere, eu quero mostrar uma coisa para você.

Eu segui Pa até o seu quarto e a primeira coisa que vi foi um holograma de Ma, de corpo inteiro e em três dimensões, junto à cama de casal. Fazia tempo que eu não entrava ali. Fiquei muito satisfeito e ao mesmo tempo foi doloroso encontrar uma representação tão real. O cabelo, solto e avermelhado, emoldurava o rosto dela. Parecia que estava pronta para se deitar e sorria como se fosse me dar boa-noite.

Senti um forte desejo de abraçar Ma longamente. Acredito que, se Pa não estivesse ali, eu teria tentado. Pensei o quanto ele devia gostar dela e em quantas noites devia ter adormecido olhando para ela.

Mas não era o holograma de Ma o que Pa queria que eu visse. Abriu o armário embutido, ergueu os braços e de uma prateleira

superior baixou uma urna transparente para eu ver. Em seu interior, encaixado em uma peça que servia de sustentação, havia um livro, o primeiro livro que eu pude ver realmente na minha vida. Olhei com curiosidade a capa, a lombada e o canto das páginas, li o título: *A ilha dos livros perdidos*. E o nome do autor: Félix Valdés.

Na capa, um jovem descabelado, visto de costas, abria caminho num matagal, que podia ser um jardim fechado ou uma selva.

– Nem meu pai, o seu avô, nem eu fomos grandes leitores – Pa me explicou. – Mas o pai do seu avô, seu bisavô, era escritor. Foi bastante conhecido na sua época e creio que inclusive foi traduzido para o coreano e para o chinês. Este é um dos seus livros, o único que conseguimos conservar.

Senti muito orgulho. Os livros podiam não ser mais impressos, mas eu descendia de um daqueles inventores de histórias que, antes de serem esquecidos, tinham fascinado os antigos leitores.

– Posso ler? – perguntei e, ao observar suas dúvidas, acrescentei: – Eu gostaria muito.

Pa negou com a cabeça.

– Como você pode ver, a urna está lacrada – ele me apontou uns parafusos diminutos de metacrilato, que atravessavam parcialmente a capa. – Dentro se fez um vácuo para preservar o papel. Se abirmos a urna, o livro poderá se desintegrar, como tantos outros. E não temos mais exemplares. É quase um milagre que este tenha ficado conosco.

– Você já leu?

– Não. Meu pai guardava o livro assim, como uma lembrança que podíamos ver, mas não tocar. Eu pedi a ele que abrisse, mas ele não quis.

– E você não sabe do que se trata?

– Me contaram. Alguma coisa sobre um naufrago que chega a uma ilha deserta, cheia de livros que esperam ser lidos e que vivem entre as árvores e os arbustos, como os animais. Mas não sei se me lembro bem.

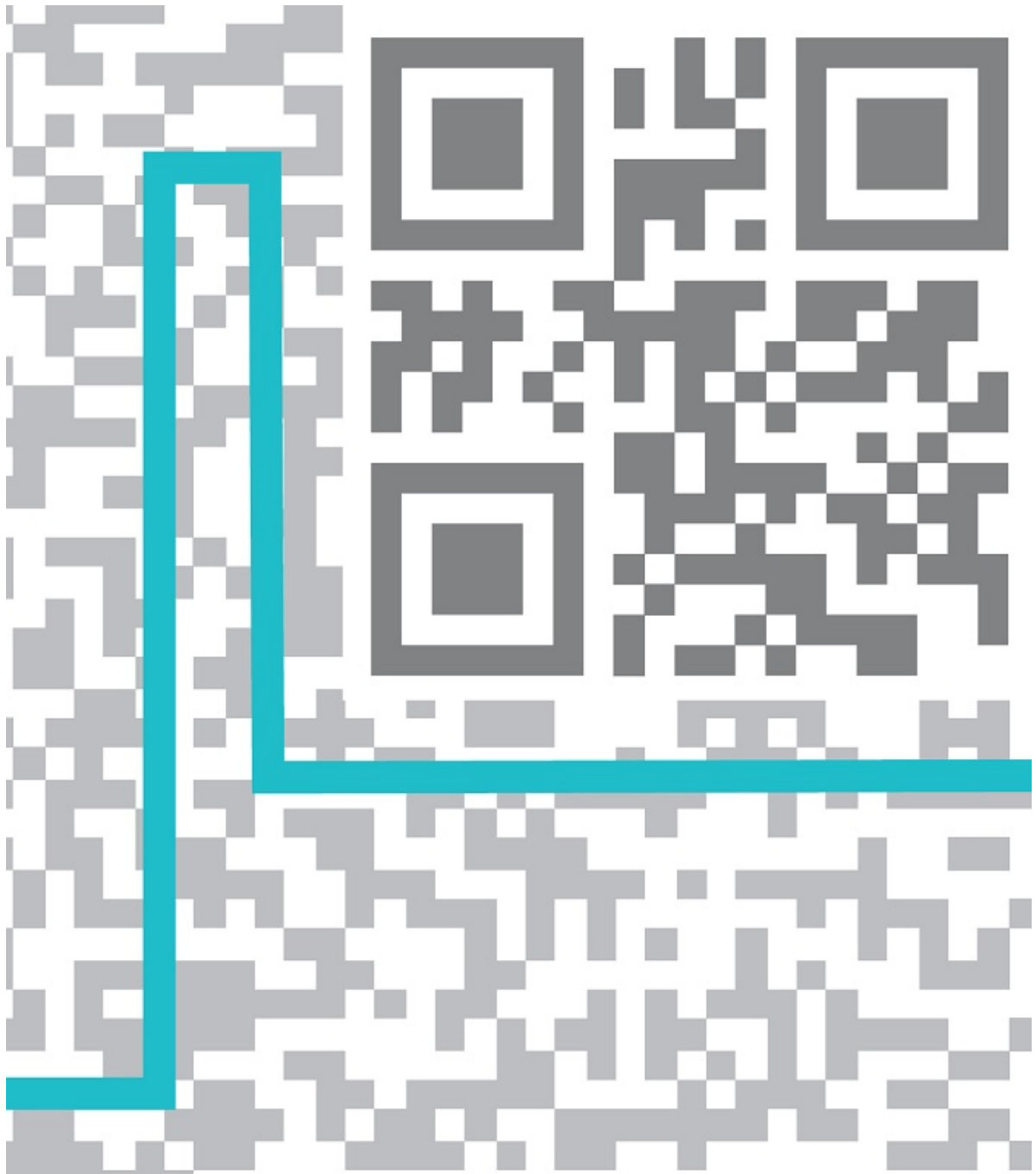
– Que história esquisita!

– E é. Estou feliz de ter mostrado o livro para você. Boa-noite, David.

– Boa-noite, Pa.

No meu quarto, Nove se deitou ao meu lado e roçou em mim para que eu acariciasse o seu pelo. Quando eu parava, ele insistia que continuasse. Por fim deu um suspiro e caiu em profundo sono robótico.

Pouco depois me senti muito leve, cada vez mais leve, como se me elevasse. Quis me segurar em algo, numa cadeira ou na mesa do computador, mas já estava dormindo.



O ROMANCE PERDIDO

No dia seguinte, na teleaula, o professor de robótica deu a aula comigo. Primeiro me perguntou sobre robôs domésticos e, em seguida, passamos toda a manhã desenhando sistemas cibernéticos na lousa eletrônica. Para completar, a emissão era em circuito aberto, de modo que todos podiam me ver.

Quando o professor se deu por satisfeito, já havia chegado a hora do almoço. Mas eu não sentia fome. Pa havia despertado em mim a curiosidade por ler um livro.

Entrei na Cosmonet. Como Pa dizia, muitos livros tinham sido escaneados fazia tempo. Mas quase todas as páginas da web que ofereciam seus conteúdos tinham caducado – talvez ninguém tivesse feito uma única consulta durante anos – e o acesso me era negado quase sempre.

Após uma longa busca, encontrei um livro chamado *David Copperfield*, de um tal Charles Dickens, e comecei a ler a história na tela, porque achei engraçado termos o mesmo nome de batismo. Fiquei comovido em saber que, além disso, éramos órfãos. O pai de David Copperfield tinha morrido seis meses antes de ele nascer, e fazia três anos que Ma tinha morrido.

Contudo, ao final de dois capítulos, me senti desanimado. Achei que, algumas vezes, a ação transcorria muito depressa e outras, com maior frequência, muito vagarosamente. Também era difícil imaginar visualmente os personagens e eu não entendia seu comportamento nem suas intrincadas relações. Pareciam estar em um lugar e, de repente, sem aviso prévio, estavam em outro.

No terceiro capítulo, a história falava de umas pessoas que viviam em um barco invertido, encalhado na praia. Era uma situação completamente absurda, pelo menos foi isso que eu pensei.

Acabei deixando a leitura com uma sensação de frustração e

fracasso. Como era possível que eu fosse incapaz de terminar um livro considerado por seus leitores do ano de 1850, conforme se explicava na Cosmonet, de leitura fácil e até apropriada para as crianças? Tinham se passado mais de dois séculos!

Talvez ler um livro não fosse tão simples, se não se fizesse com certa frequência ou se a época e o lugar descritos fossem desconhecidos. Talvez também fosse necessária uma disposição especial, ou uma atmosfera de tranquilidade, de calma, que já não existia. Não imaginava o tal David Copperfield preocupado com a rapidez da mudança climática, nem com a fome frequente no hemisfério sul. Talvez, como Pa havia sugerido, ler livros tivesse se tornado um costume do passado.

Dentro de mim ficava, no entanto, certa nostalgia pelos tempos que não tinha vivido. E também tinha a sensação de não ter me esforçado o bastante.

Lembrei que o livro de meu bisavô podia ser mais acessível para mim, por ser mais recente e também porque, mesmo não conhecendo o autor, afinal era um antepassado, isto é, um parente, havia a possibilidade de encontrar nele uma história familiar ou um ponto de vista mais ou menos afim.

Fui procurar o livro na Cosmonet sem resultado. Podiam ter traduzido para coreano ou para o chinês, mas certamente a fama de Félix Valdés, diferentemente da consagração do inglês Charles Dickens, não tinha superado a barreira do tempo.

Quase sem me dar conta, entrei no quarto de Pa. O *laser* tinha sido desativado e o holograma de Ma, visto à luz do dia, tinha um aspecto de uma placa fotográfica seminivelada, o que me impedia de distinguir com clareza seus traços. Melhor assim, pensei. Não queria me entristecer...

Subi numa cadeira e retirei a urna do armário. A capa de *A ilha dos livros perdidos* não era exatamente como me lembrava. Agora, o jovem descabelado mostrava o torso nu e se dirigia, pelo matagal, em direção ao que parecia uma casa imponente, de madeira, com colunas brancas, de aspecto antigo. Como não tinha reparado nessa casa na noite anterior e, além disso, como Pa tinha mencionado uma ilha deserta, por um momento senti medo de que o livro fosse outro enganoso holograma, que mudava de aparência com a luz.

Decidi comprovar isto. A operação tinha seus riscos, mas havia a possibilidade de que, mesmo sendo o livro real, o ar do nosso tempo não o afetasse muito.

Por acaso não tinha visto, no Museu Virtual, papiros egípcios que eram muito mais antigos e que ainda se conservavam na megalópole do Cairo? Se agisse depressa e com cuidado, poderia perceber as mudanças e parar a tempo. Pelo menos eu acreditava nisso.

Procurei uma chave de fenda e comecei a retirar de maneira simultânea os parafusos, que giravam com facilidade. Dava meia volta em um e depois fazia o mesmo com o outro e com outro. Depois de uns 15 minutos, soou um ruído inesperado, como se tivesse sido destampada uma garrafa de narcocola ou qualquer outra bebida com gás.

Nove respondeu com um latido. Aguardei, com expectativa, mas o livro não mostrava nenhuma alteração visível.

Retirei os parafusos e a tampa, apalpei o livro. Quase nem cheguei a sentir sua textura. Ele se desvaneceu no mesmo instante, antes que eu pudesse tirar aquele objeto tão curioso da urna e finalmente abrir o livro. Durante uma fração de segundo entrevi um montão de papel amarelado, sulcado de linhas negras e uma encadernação que se enrolava. De repente, nada! Um pequeno

acúmulo de cinza, que ia se assentando, era o quanto restava do até então inacessível romance de meu bisavô, *A ilha dos livros perdidos*.

Então compreendi por que os homens que havia visto no telessensor usavam luvas e máscaras, na hora de manipular os livros da cova. Não só, mas também seguramente trabalhavam em uma câmara de isolamento, esterilizada e com uma atmosfera sob controle, para prevenir qualquer eventualidade.

Desolado, voltei a parafusar a tampa e deixei a urna na prateleira superior do armário.

Não me sentia com ânimo para contar a Pa a verdade, mas sabia que cedo ou tarde ele descobriria.

De novo rastreei a rede. Fiquei um pouco animado vendo que ainda restavam dois ou três antiquários que vendiam e compravam livros. No entanto, nenhum tinha o livro de meu bisavô entre suas preciosidades. E mais: os livros comercializados e vendidos a preços astronômicos eram consideravelmente mais antigos, estando encadernados em pele e impressos em pergaminho ou em papel duradouro. Seu valor, então, parecia depender de sua extraordinária raridade e não do interesse ou da emoção que o texto pudesse provocar nos leitores.

Pensei que o lugar mais apropriado para buscar *A ilha dos livros perdidos* era a Docoteca Nacional, onde deviam estar todos. Sim, ali eles tinham o livro e me permitiriam ter acesso a ele, enfim poderia ler o livro. Em breve, escanearia cada uma de suas páginas e tornaria a imprimir todas elas em um papel mais estável, que não se degradasse com facilidade. Depois teria que ordenar as folhas e acrescentar a elas uma capa, para imitar o aspecto original.

Não era uma tarefa de todo impossível, mas muito trabalhosa. Ainda que seu uso tivesse se restringido muito, o papel continuava

existindo. Até eu mesmo poderia fabricar uma pequena quantidade, como havia aprendido a fazer em Tecnologia Básica, uma disciplina optativa que tinha sido dada no ano anterior na teleaula.

Logo me dei conta de que nem sequer estava obrigado a imprimir o livro. Se o colocasse na urna, Pa nunca abriria. Bastaria reproduzir a capa, se eu por sorte a encontrasse.

O computador me ajudou a descobrir ao menos uma coisa, que a Docuteca compreendia uma dezena de seções: Cinemateca, Videoteca, Fototeca, Hemeroteca... Nem sequer podia imaginar o conteúdo de algumas, mas lembrei que *biblion* significava livro em grego antigo.

Consultei, assim, as páginas da Biblioteca e procurei o romance de meu bisavô na lista de títulos. Ao que parecia, eles não tinham o livro, o livro agora tão desejado do meu bisavô. O nome Félix Valdés figurava, contudo, na lista de autores. Com alívio, porque começava a duvidar de sua verdadeira importância, li uma resenha biográfica em que era definido como um “escritor imaginativo, dono de uma linguagem clara e precisa”, e era considerado raridade no panorama literário de sua época.

Como havia a possibilidade de que nem todos os títulos estivessem informatizados, ou de ter de se cadastrar para ter acesso a eles, procurei o endereço do correio eletrônico da Biblioteca e escrevi pedindo que confirmassem se tinham *A ilha dos livros perdidos*.

No mesmo momento me responderam. O livro, diziam, figurava em certo catálogo de uso interno. Enviei a eles outro e-mail, perguntando se poderiam escanear o livro para mim. Então me responderam que, para realizar esse serviço, teria de me apresentar pessoalmente na Biblioteca e justificar meu interesse pelo livro.

Anexavam o horário de visitas.

Quando olhei o relógio, vi que era tarde para ir nesse mesmo dia. Tinha perdido muito tempo navegando pela Cosmonet e abrindo a urna, e Pa não tardaria a voltar para casa.

Chegou um pouco depois, de fato, e começamos a preparar o jantar. Perguntei se tinha conhecido seu avô.

– Não – respondeu. – Aconteceu comigo o mesmo que com você, que também não conheceu o seu. Mas sinto como se tivesse conhecido meu avô, porque meu pai me falava muito dele. Como o pai dele, seu bisavô, era escritor, ele estava certo de que os livros e a literatura eram as coisas mais importantes e queria convencer meu pai dessa certeza. Recomendava a ele um livro após o outro, deixava livros sobre o criado-mudo e pedia que fizesse resumos de suas leituras, que começasse a escrever contos ou ter um diário. Mas meu pai, que tinha outras inclinações, não dava a menor bola. Nem sequer lia os livros que o pai dele escrevia e este se desesperava, porque não compreendia essa indiferença.

– Nem eu compreendo. Por que você acha que seu pai não queria ler?

– Em parte por rebeldia. Estava farto de seu pai querer se impor ou ficar pressionando. E, em parte, acredito, porque imaginava que os livros não tinham nada a ver com a vida e que ler era perda de tempo.

– E não é assim? – perguntei.

– Não. Os livros sempre ajudaram a entender a vida – enfatizou Pa. – Pelo menos a mim ajudaram. Eu lia porque percebia que os livros estavam desaparecendo e também – riu nesse instante – porque meu pai tinha deixado de ler. Naquela época acreditava que somente as crianças liam livros e que, se continuássemos fazendo

assim, eles não iam desaparecer completamente. Lembro que uma vez me virei para o meu pai, que estava sentado há várias horas diante do telessensor, e perguntei com toda inocência: “Papai, você sabe ler?”. Ele não achou nenhuma graça. Mas no fundo, muito lá no fundo, também sentia respeito pelo trabalho do seu bisavô. Por isso, acredito, pôs o livro na urna.

A alusão ao *A ilha dos livros perdidos* me perturbou. Eu temia arriscar qualquer pergunta que trouxesse de volta seu interesse pelo livro do bisavô e que fizesse ele olhar no armário. Dessa forma, para não me comprometer, fui para meu quarto assim que acabamos de jantar.

Em Chicago, onde meu amigo Marc vivia, ainda eram três da tarde. Falamos por videoconferência e contei a ele minha nova fixação por livros, mesmo sem ter mencionado o romance do meu bisavô ou a urna. Como era de se esperar, ele não sabia nada de Charles Dickens nem de *David Copperfield*. Então ele me disse que tudo isso parecia coisa de velhos e me enviou a imagem digital de uma menina, Marjorie, por quem estava apaixonado e com quem estava começando a sair.

Era uma jovem de cabelo curto e um jeito esportivo. Seus olhos, que pareciam verdes, se tornavam cinza ao serem aumentados na tela.

– É muito bonita – eu me entusiasmei. – Fico contente por você.

Enquanto dizia isso, me dava conta de que também sentia um pouco de inveja.

Nessa noite, sonhei que Nove e eu viajávamos para o interior de um livro de papel e que caminhávamos entre duas linhas de palavras como um caminho, alternando da esquerda para a direita e da direita para a esquerda.

De repente, sem aviso prévio, o caminho se estreitou às nossas costas. As letras se ergueram até alcançar a altura de árvores, estenderam suas raízes e explodiram. Uma densa chuva de cinzas, que deixava nossa vista turva, caiu sobre nós.

O livro estava se desintegrando e o cachorro e eu começamos a correr com todas as nossas forças. Corríamos muito rápido para escapar de dentro dele antes que nos desintegrássemos também.



**A BIBLIOTECA
DOS LIVROS OCULTOS**

Na manhã seguinte, antes de começar a teleaula, montei o cenário. Coloquei um holograma de mim mesmo sentado diante do computador e na mesma posição em que devia estar na hora do controle periódico, que se fazia com uma câmara web. Respondi umas perguntas sobre topografia do cérebro e decidi pular a teleconferência sobre a capacidade criativa dos computadores que vinha depois. Tinha ouvido falar tanto sobre aquele tema que quase me dava náuseas.

De todo modo – se por acaso eu viesse a precisar – pus a conferência para gravar. Iria me sair bem, desde que a câmera não percebesse minha imobilidade e não ocorresse ao conferencista interrogar os alunos ao final da fala. Quando fechei a porta, Nove me dirigiu um olhar de reprovação.

Na rua, os indicadores de contaminação assinalavam um nível aceitável. Desde a supressão do transporte privado pelo interior da cidade, a situação tinha melhorado muito. As pessoas com máscara respiratória, que eram muito poucas, levavam esse protetor pendurado no pescoço.

Peguei o metrô, na estação mais próxima, e desfrutei do silêncio da viagem e das imagens aleatórias que deslizavam pela tela do teto durante o trajeto. Vinte minutos depois, descii na estação da Docuteca.

Um corredor deslizante se estendia por um túnel muito longo e bem iluminado. Lá circulavam pequenos veículos de levitação magnética, carregados de caixas. De vez em quando, o túnel se ramificava.

Procurei a indicação da Biblioteca e o corredor deslizante me levou até uma porta grande, metálica, que se abriu quando me aproximei e que precedia outra de vidro. Um segurança me abordou

e me fez depositar as chaves e as moedas em uma bandeja. Outro segurança observou minha passagem por um detetor de metais e um terceiro me perguntou se eu não devia estar na teleaula.

Quando respondi que tinha permissão, ele me deu um recibo pelas chaves e moedas, e me garantiu que elas seriam devolvidas na saída.

O registro de entrada se encontrava em uma sala circular. Logo que me aproximei, uma cabeça se levantou como uma mola por trás de um balcão. Era um jovem calvo, de traços orientais. Quando expus o motivo de minha visita, ele me pediu a cédula de identificação e fez a digitalização em um instante. Perguntei para mim mesmo se seria um robô, mas vi que tinha se cortado ao fazer a barba. Então ele me entregou um crachá e, como se repetisse uma fórmula, disse:

– Ponha isto em um lugar bem visível. Você tem que ir à sala de leitura principal. Primeira porta à direita, por aquele corredor. Pergunte para o encarregado.

Fiquei surpreso quando percebi que na sala de leitura não havia livros, mas mesas compridas com computadores individuais. Calculei que havia uns duzentos, mas somente três estavam ocupados. Dois dos usuários permaneciam imóveis e não pareciam reais. O terceiro era um ancião de longos cabelos e barbas brancas, vestido de preto, olhando um texto de grandes letras na tela. Enquanto lia, movia os lábios e se balançava ligeiramente para frente e para trás.

Em um extremo da sala, sentado sobre um tablado, um homem miúdo, magro, muito pálido, observava meus movimentos com curiosidade, como se não tivesse nada melhor para fazer. Sem dúvida, para ele eu devia parecer estranho. Contei que desejava escanear *A ilha dos livros perdidos*, de Félix Valdés.

Houve um longo silêncio, como se ele não tivesse ouvido com clareza ou procurasse uma resposta.

– Você necessita de uma autorização especial – disse finalmente –, e ela somente será concedida se alguma universidade recomendar você ou se provar que está preparando um trabalho científico ou uma tese. Obviamente, você é muito jovem para essas coisas. Posso perguntar por que quer consultar esse livro em especial?

– Para ler – respondi.

O encarregado negou com a cabeça.

– Sinto muito, mas não posso dar esta autorização.

Senti uma mescla de raiva e ansiedade. Como era possível que uma sociedade supostamente tão avançada como a nossa, que havia sido capaz de construir a gigantesca Docuteca e que pretendia estabelecer uma colônia em Marte, criasse tantas dificuldades para se ler um simples livro?

Durante um longo tempo fiquei incapaz de falar.

– Preciso desse livro! – disse por fim com voz entrecortada. – Farei o que for possível, qualquer coisa!

– Não será necessário que faça nada – replicou o encarregado, do alto do tablado. – Mas tampouco eu posso fazer coisa alguma. O problema é que...

Não chegou a terminar a frase porque ficou olhando o velho de longas barbas brancas, que se apoiava em uma bengala e se aproximava enquanto falávamos.

– Dá gosto – disse o ancião, com uma voz que parecia brotar das profundezas – ouvir um menino que, nos dias de hoje, se interessa tanto por um livro.

Era um velho corpulento, de costas largas. Devia ter sido muito forte em sua juventude, mas agora mancava e uma de suas pernas

se movia com rigidez, como se fosse artificial. Tinha os olhos grandes e a tez de marfim era sulcada pelas rugas mais profundas que eu já tinha visto.

O encarregado se voltou para ele, como se buscasse seu apoio.

– Estava dizendo a ele – explicou – que não podemos escanear o livro que ele quer.

– Que livro é? – interrogou o velho.

– *A ilha dos livros perdidos* – respondi. – Foi escrito pelo meu bisavô, sabe? Ele se chamava Félix Valdés.

Disse seu nome com orgulho, como se precisasse defender a memória dele.

– *A ilha dos livros perdidos* – repetiu o velho. – Que título tão sugestivo! Talvez se referisse a este lugar – ele me piscou um olho e logo se voltou para o encarregado: – Por que não deixa que a diretora explique isso a ele? Estou certo de que ela vai saber fazer isso muito melhor que o senhor ou eu.

Falava devagar, com uma pausa entre uma frase e outra.

– Tem razão – concordou o encarregado. – Afinal, é sua responsabilidade.

Ele se afastou um pouco e falou ao telefone, enquanto o velho me perguntava educadamente se eu já tinha lido outros livros. Respondi que tinha começado a ler *David Copperfield* no computador.

Ele então sorriu e suas rugas ficaram ainda mais profundas.

– Esse, eu li faz tanto tempo que quase não me lembro da história. Só sei que gostei muito.

– Você achou um livro difícil?

– Não, mas saiba que, para mim, ler sempre foi como um jogo – voltou a piscar um olho. – Na sua idade eu já passava os dias lendo. Ah, como eu gostaria de me encontrar pela primeira vez com *Dom*

Quixote!

– Eu não quero ler *Dom Quixote*. Pelo menos, não agora – disse obstinadamente. – Quero ler *A ilha dos livros perdidos*.

Pensativo, o velho coçou a barba, que chegava ao peito.

– Você vai ler – disse com determinação. – Não sei quando nem como, mas vai ler.

Parecia tão convencido que naquele momento acreditei nele.

– Vamos, estão esperando você – informou o encarregado e me acompanhou até o corredor. – Vê aquele elevador? Aperte o botão do terceiro subsolo. Quando sair, vire à esquerda e procure a segunda porta. É a da diretora. Não tem como errar.

Segui suas instruções e pouco tempo depois me encontrava em um escritório espaçoso, diante de uma mulher de olhos muito claros, quase transparentes, com lábios finos e contraídos.

– Quer se sentar? – convidou. – Então você é o menino que procura esse livro – consultou a tela de seu computador. – David Valdés, não é?

Confirmei com a cabeça.

– Pode me chamar de Ariadna. O caso é que esse livro, como tentaram explicar a você antes, não está na Biblioteca.

Senti como se o chão faltasse sob os meus pés.

– Mas está no catálogo – protestei. – Vocês me disseram, até me enviaram uma mensagem. Por que agora dizem que não tem?

A mulher me dirigiu um olhar duvidoso.

– David, você poderia guardar um segredo meu? – perguntou terna.

– Não sei – disse, e no mesmo instante corrigi. – Bom, se não for um segredo muito grande...

– Você é um menino inteligente. Provavelmente já aconteceu de

alguma vez você não se atrever a contar a verdade, porque teve medo de que, fazendo isso, viesse a prejudicar alguém.

Pensei no livro desintegrado e na urna, mas não disse nada.

– Faz muito tempo, mais de meio século, tomaram a decisão de abandonar a velha sede da Biblioteca, que se encontrava no centro da cidade, para edificar uma monumental Docuteca, onde seriam conservados todos os documentos existentes em qualquer suporte. Já não se publicavam tantos livros de papel como antes, mas ninguém podia prever que acabariam desaparecendo, e a Biblioteca estava lotada. O caso é que este lugar demorou mais de dez anos para ser construído e, durante esse tempo, aconteceram muitas coisas. Muitos livros recém-publicados não chegaram a ser catalogados, por pura indiferença, ou foram roubados da Biblioteca. Outros se deterioraram por causa da umidade, das traças e da má qualidade do papel em que tinham sido impressos. Gradativamente, aqui e em outros países, os livros deixaram de ser editados. Não estou incomodando você?

– Não, não.

A verdade era que aquilo me interessava muito. Não era comum escutar um adulto confessando que as pessoas de sua idade cometiam tantos erros. Mas ainda não via a relação com o livro do meu bisavô.

– Quando as obras da Docuteca foram finalizadas – continuou a diretora –, trouxemos os livros da antiga Biblioteca. Eles foram colocados em suas estantes e fomos checar o interminável catálogo. Falo no plural porque foi a partir daí que comecei a trabalhar aqui. Imagine nossa preocupação quando nos demos conta de que faltavam milhões de livros. Em grande parte era um problema de negligência, porque os mais antigos estavam quase todos aqui. Em

compensação, faltavam muitos das últimas décadas, talvez porque esses livros fossem considerados menos valiosos e as pessoas dessem pouca atenção a eles, supondo que poderiam ser repostos sempre. Deixamos essa tarefa para depois, porque havia outras mais urgentes: restaurar os livros maltratados, esterilizar e guardar todos em câmaras de isolamento... Quando quisemos adquirir os livros que nos faltavam, era tarde demais. As editoras e as livrarias tinham desaparecido e os particulares tinham se desfeito de suas bibliotecas... Ainda assim, recuperamos alguns daqueles livros. Por desgraça, *A ilha dos livros perdidos* não está entre eles.

– E o catálogo?

– Ia falar sobre isso. Seu livro, ou melhor dizendo, o livro de seu bisavô, está em nosso catálogo interno porque em algum momento fez parte dos nosso acervo e não queremos dar a impressão de que aqui se perdem as coisas. No entanto, não está no catálogo virtual, que pode ser consultado pela rede, porque, se estivesse lá, alguém poderia pedir e seríamos obrigados a negar o acesso com algum subterfúgio ou a admitir que não temos, como agora acontece aqui com você. O normal é ninguém chegar tão longe. Como você viu, há somente visitantes, e nem sequer os estudiosos procuram livros que não conhecem. Como soube da existência desse livro?

Eu expliquei a Ariadna que Pa tinha me falado do meu bisavô e do livro *A ilha dos livros perdidos*, mas não disse a ela que tínhamos um exemplar em casa, ou ao menos que tínhamos tido.

De repente ficou imóvel, com o olhar fixo na tela do seu computador.

– É curioso – comentou. – Em abril de 2057, outro menino com o mesmo sobrenome que o seu perguntou por esse livro. Não seria seu parente?

Girou o monitor para mim e vi a cédula de identidade de Pa, com um holograma seu quando jovem, a topografia da retina e outros traços biométricos.

– Era meu pai.

– Se vê que é coisa de família. Ele não sabe que você está aqui, não é verdade?

Tive de admitir que ele não sabia.

Pouco depois ela me estendeu a mão ainda ternamente.

– Você guardará o meu segredo e eu guardarei o seu – Ariadna me disse. – E, se encontrarmos o livro do seu bisavô, prometo escanear para você.

Pensei que nunca eles iriam fazer isso. Lancei um olhar furtivo para Ariadna e fui embora.

Pela porta envidraçada da sala de leitura, vi o encarregado. Novamente, em seu posto de observação, parecia estar esperando uns visitantes que nunca chegariam. Talvez ele se perguntasse como desanimá-los.

O velho de barbas brancas tinha voltado para sua mesa. Quando me viu passar, fez uma saudação afetuosa com a mão. Não sabia o porquê, mas era a única daquelas pessoas que ainda me inspirava confiança.

Quanto aos outros usuários da sala, sem dúvida eram robôs ou bonecos, postos ali para aliviar a monumental sensação de solidão provocada pelo lugar.

No registro de entrada, o jovem de traços orientais me devolveu as chaves e as moedas e me perguntou se tinha encontrado o que buscava.

– Não – respondi enfático. – E tenho a sensação de haver perdido tudo. Queria fazer uma pergunta a você... Esse homem de barba

branca que está na sala de leitura, quem é?

Fez um gesto cômico, como se a pergunta parecesse divertida.

– Em sua ficha, ele põe “Capitão Ahab”. Mas, cá para nós, eu duvido que esse seja seu verdadeiro nome. Vem aqui para ler todos os dias, faça o tempo que fizer.

Fiquei impressionado em saber que ainda havia gente assim. O corredor deslizante me levou de volta à estação. Pensava em todos os livros escritos e perdidos e em todos os escritores cujos livros já não existiam. Pensava no capitão Ahab, indo à Biblioteca todo dia. E em Pa, na minha idade, procurando o livro do seu avô porque o único exemplar que a família conservava estava em uma urna.

Em casa, Nove me recebeu abanando o rabo. Isto me fez deduzir que meu estratagema tinha funcionado. No computador não havia nenhum aviso notificando a minha ausência.

Nessa noite, durante o jantar, Pa me interrogou sobre meus estudos. Os exames finais se aproximavam e, como todos os pais, ele tinha dificuldade em esconder sua ansiedade. Eu disse que não se preocupasse, que nem eu gostaria de assistir à teleaula durante as férias de verão.

– Se eu passar em tudo – perguntei a Pa –, você me deixa viajar pelo interior de um livro?

– Achava que gostaria de ir para Chicago, para ver o Marc – ele retrucou, surpreso.

– Isso eu posso fazer sempre. Além disso, este verão ele vai estar muito ocupado – acrescentei pensando em Marjorie.

– Está certo, se é isso o que prefere. Mas é você que vai escolher o título. Se alguma coisa aprendi com os livros, é que cada um tem de encontrar os seus.

De repente, eu me dei conta de que pensava no meu avô e no

meu bisavô, e na curiosa relação que os livros tinham estabelecido entre nós.



**VIAJE SEGURO
PELA BIBLIOTRAVEL!**

Com a promessa daquela viagem insólita, passei em todas as disciplinas. Inclusive me deram um “notável” em Climatologia, graças a um trabalho cheio de lugares comuns, que escrevi sobre a desertização, apesar da minha aversão aos desertos ou talvez precisamente por isso. Quem dera os políticos lessem os trabalhos dos jovens estudantes e levassem todos eles em consideração.

No dia seguinte, após ver minhas notas, Pa me levou à Bibliotravel. Tivemos que mudar várias vezes de monotrem, porque a agência estava em um desses bairros concêntricos que crescem às margens da cidade e que, do céu, parecem alvos para dardos, com faixas curvas e regulares de vegetação seca entre os conjuntos de casas.

Na fachada, lisa e reluzente como um espelho, um céu sem nuvens se refletia. Fiquei surpreso que a Bibliotravel fosse relativamente pequena e somente ocupasse um andar de um edifício de vinte e oito.

– Eu pensei que você trabalhasse em um lugar maior – estranhei.

– Para viajar pelo interior de um livro – ele me respondeu – não é necessário muito espaço.

Tinha um secretário robô, que já estava atendendo aos primeiros clientes e conferindo seus destinos. Pa colocou um avental verde e me apresentou aos seus ajudantes e a um engenheiro, homem de voz grave e cabeça raspada, que era também o sócio de meu pai. Em seguida, ele me levou para o seu escritório.

– Você vai ter que esperar um pouco – me disse. – Nas primeiras horas da manhã sempre tem mais trabalho, até que tudo comece a engrenar.

Nessa hora, ele me deixou sozinho e fiquei bisbilhotando. Não

tinha mesa, mas sim algumas poltronas e uma tela. Duas das paredes estavam ocupadas por um desses painéis decorativos com som e movimento incorporados, que substituem as janelas em algumas casas.

Era uma paisagem de outros tempos, vista de um monte. Havia um rio, um bosquezinho, umas casas de campo e uma cidade com cúpulas douradas no horizonte. Entre o monte e o rio havia um caminho, pelo qual passavam, em ambas as direções, carroças e cavaleiros em suas montarias. Uma barcaça sulcava o rio, que se cobria de raios prateados ali onde os raios de sol perfuravam as nuvens. De vez em quando se ouvia o gorjeio dos pássaros. Estava tão distraído vendo as mudanças da paisagem que não percebi a passagem do tempo.

– Desculpe – disse Pa voltando e se sentou de costas para a paisagem. – Imagino que queira saber como acontece a viagem.

– Eu gostaria.

– Temos dois modos de viajar pelo interior dos livros. Um é mediante um implante. Damos nas pessoas uma anestesia local e implantamos, preferivelmente em uma das têmporas, o programa do livro escolhido, que se transfere para a memória. Isso é o que preferem os amantes das emoções fortes. Não deixa marcas, mas tem o inconveniente, que para alguns é uma vantagem, de que a viagem dever ser vivenciada até o final. Isto é: ninguém pode descer no meio do caminho. Por outro lado, há muito pouca autonomia e quase não se pode fugir do texto original. Se couber a você o papel de Dom Quixote, por exemplo, terá de se atirar contra os moinhos de vento mesmo que não queira.

– O que é um moinho de vento?

– Eram como os geradores de turbina de vento, mas menores.

Eram usados para moer grãos.

– E o outro modo?

– Chamamos o modo do amplificador de inteligência, ou também modo interativo. Começamos conectando uns estimuladores sensoriais na pele e depois enviamos ao sistema nervoso, pelo computador, toda a informação que contém o livro. É a mesma tecnologia que se utiliza para enviar sinais visuais às pessoas que ficaram cegas. Agregamos a ele um procedimento que permite ao viajante ir modificando detalhes da história, se quiser. Simplesmente, basta que manifeste seu desejo nesse sentido. Você diz “eu gostaria”, por exemplo, ou pensa, e de repente a situação começa a mudar de um modo que não está predeterminado. E tem outro mecanismo que, se a pessoa sentir um incômodo ou tiver de enfrentar uma situação difícil ou perigosa, possibilita ao viajante se desconectar e sair do livro. Simplesmente basta que ela diga em voz alta: “Estou farto” ou “Já tive o bastante”, por exemplo. São fórmulas de saída, que o computador lê como sinais digitais e que permitem retornar.

– Prefiro esse modo. Parece mais seguro.

– Nunca falhou. Esse é precisamente nosso lema: “Viaje seguro pela Bibliotravel!” – ele cantarolou. – Muitos clientes têm comparado a viagem através do amplificador de inteligência com um sonho. Às vezes, os sonhos viram pesadelos e você se sente perdido. Mas basta despertar para sair deles. Você já pensou no livro para onde você quer ir?

Sabia que era impossível, mas por um instante abriguei uma mínima esperança de poder viajar para *A ilha dos livros perdidos*.

– Posso ir a qualquer um? – indaguei.

– Não, mas pode escolher entre todos estes – Pa fez um gesto

com a mão e na tela apareceu um título, seguido do seu correspondente resumo. Agitou os dedos e surgiu outro título. – São os livros que estão disponíveis. Há uns cinquenta. Você verá que somente oferecemos os dados gerais: a época, os nomes dos personagens principais, a situação inicial... Alguns clientes pensam que, para desfrutar da viagem, é preferível não conhecer o argumento a fundo.

A *Bíblia* figurava entre os primeiros títulos.

– Desde criança ouço falar dela, mas nunca li. É um bom livro?

– É. Está cheio de histórias extraordinárias e continua sendo muito popular entre nossos clientes. Mas somente selecionamos os primeiros episódios, que nos pareceram os mais atraentes para nossa agência.

– Qual você me recomenda? – perguntei, enquanto lia na tela: – “A criação”, “Adão e Eva”, “Caim e Abel”, “O dilúvio universal”...

Pa sorriu.

– Você já sabe a regra – disse. – Eu me limito a colocar os livros ao seu alcance.

Li os resuminhos, sem que algum me chamasse a atenção: “Deus cria o universo em seis dias e descansa no sétimo”, “Deus cria Adão e Eva e lhes proíbe de comer os frutos da árvore do bem e do mal”, “A relação entre os filhos de Adão e Eva se deteriora e se transforma em ódio”, “Noé constrói uma arca gigante, para escapar do dilúvio com sua família e outros animais”.

– Posso escolher também o personagem?

– Não completamente – Pa me respondeu. – A decisão final depende do computador, que analisa os seus dados e avalia sua capacidade de identificação com o argumento. Se o livro parecer muito estranho, talvez você se transforme num personagem

secundário, sem muita importância, ou em um observador alheio, que nem sequer aparece no texto original. Mas, se houver uma identificação plena com a história e se você se sentir à vontade, pode acabar se transformando em protagonista.

– Não sei. Creio que poderia ser Noé, por exemplo, ou um de seus filhos, mas não gostaria de ser Deus. Eu ia me sentir tão responsável por tudo que não sei se ia conseguir dormir.

– Não se preocupe. Deus está excluído das opções.

Li o resumo de um episódio intitulado “Davi e Golias”, que dizia assim:

“Israel antigo. A ação transcorre no século X antes de nossa era. Davi, pastor de ovelhas, converte-se em um hábil atirador com uma funda. Enquanto isso, os filisteus invadem as terras dos israelitas.”

– Que funda é essa? – perguntei.

– Uma tira de couro que se usava para lançar pedras. A tira era dobrada, colocava-se uma pedra no meio e girava-se a funda, segurando as duas pontas juntas. Quando se tivesse atingido uma velocidade bem alta, soltava-se uma ponta e a pedra era lançada com força.

– Você fala como se fosse um perito.

– No meu trabalho tenho de saber essas coisas.

– Eu gostaria de praticar esse jogo. Além disso, meu nome é o mesmo desse tal Davi.

– Se é o que você quer...

Pa me levou para uma sala ao lado, onde me sentei em uma poltrona reclinável, como as de dentista. Um ajudante me colocou os estimuladores sensoriais nos dedos e nas têmporas, e conectou todos eles a um computador bastante barulhento, que era o amplificador de inteligência de que Pa tanto se orgulhava.

– *Primeiro Livro de Samuel* – disse Pa, porque a história de Davi e Golias estava nesse livro da *Bíblia*.

– *Primeiro Livro de Samuel* – repetiu o ajudante, enquanto apertava algumas teclas.

– Pronto para a viagem? – Pa me perguntou.

Concordei, e começou a contagem regressiva:

– Cinco, quatro, três...

Eu me sentia como um foguete a ponto de ser lançado ao espaço.

– ... dois, um, zero!

A poltrona chacoalhou com força. Fechei os olhos e agarrei nos seus braços. Um murmúrio vertiginoso enchia meus ouvidos e uma estranha confusão, como a sentida quando se é lançado ao espaço ou quando se está numa montanha russa, me paralisava. A poltrona sacudiu pela última vez e pouco depois deixei de sentir qualquer coisa.

Escutei uns balidos. Ali estava eu, em uma espécie de deserto pedregoso, cuidando do rebanho do meu pai. Usava uma saia curta branca, com listras e sandálias.

De vez em quando, uma pedra lançada com minha funda acertava uma rocha ou o ramo de uma acácia e as ovelhas levantavam a cabeça e me olhavam, inquietas.

Tive fome e, rapidamente, procurei o meu bernal. Comi tâmaras até ficar farto e bebi água de um pequeno odre que levava no pescoço. Procurava onde me proteger do sol, quando notei um movimento sobre uns rochedos. Era um leopardo escondido, à espera de que alguma ovelha se afastasse do rebanho.

Fiz uma pilha de pedras e lancei algumas com a funda. Devo ter atingido a fera, porque ela se levantou e rugiu para mim, mas não se aproximou. Gritei e continuei atirando pedras no leopardo até que

ele se afastou ainda rosnando. No fundo, ele me dava pena. Naquele lugar era muito difícil encontrar comida.

Ao entardecer, voltei ao povoado sem ter perdido uma só ovelha.

Um livro é realmente como um sonho, onde tudo pode ocorrer. Eu me lembro de ter notado com alívio, num relance, que meu pai, Isaías, não falava hebreu, mas um espanhol claro e preciso.

– Toma estes pães e estes queijos – ele me ordenou – e leva este alimento para os teus irmãos, que há tempos foram lutar com os filisteus. Depois, volta para me dizer se estão bem.

Nosso exército tinha acampado em um monte e os filisteus, em outro. Entre os acampamentos havia um vale, sulcado por um riacho de águas cristalinas.

Encontrei os meus irmãos, dei um forte abraço neles e entreguei os pães e os queijos que trazia no bornal. Já ia voltar para casa, quando um gigante filisteu, com armadura, lança e escudo, desceu do monte oposto. Era tão alto e corpulento que a terra estremecia com seu passo e as árvores tremiam.

– Escravos de Israel, eu me chamo Golias! – gritou, brandindo a enorme lança. – Com esta, são quarenta as vezes que os desafio sem obter resposta. Não existe, entre todos, um homem que se atreva a lutar contra mim? Se alguém me vencer, nós nos tornaremos seus escravos. Se eu vencer, vocês se tornarão nossos escravos e nos servirão.

Aguardou um momento. Como ninguém respondia, soltou uma gargalhada desdenhosa e se reuniu a seu exército. Eu estava indignado.

– Como se atreve esse filisteu a falar assim conosco? – perguntei aos meus. – Se ninguém mais aceitar o desafio, eu lutarei contra Golias.

Meus irmãos zombaram de mim, mas o rei Saul, que comandava nossas tropas, inteirou-se da minha audácia. Querendo me conhecer, mandou me chamar em sua tenda.

– Como? Tu? – exclamou ao me ver. – Mas não passas de um menino! Golias, ao contrário, é um homem de guerra desde o seu nascimento. Veio ao mundo com uma lança na mão e uma espada na outra.

– Faz anos, oh, rei! – expliquei –, que cuido dos rebanhos do meu pai. Sempre que um leão ou um leopardo tentam roubar uma ovelha, eu os afugento. E o mesmo ocorrerá com esse filisteu.

– Está bem – disse o rei, impressionado com minha firmeza. – Mas não vás tão desprotegido. Põe ao menos meu capacete e minha armadura e pega a minha espada.

Peguei a espada que me estendeu e pus sua armadura e seu capacete. Somente consegui dar uns passos, porque eram as armas de um rei e, portanto, muito pesadas para mim. Assim, tirei e deixei as armas no chão. Desci até o riacho, onde peguei cinco pedras lisas e redondas e guardei todas no bernal.

Tão logo me viu, Golias desceu do monte em grandes passadas. Era dez vezes mais alto que eu e o céu parecia escurecer na medida em que se aproximava.

– Vejo e não creio – riu. – Tão em apuros está o teu rei que envia um garoto desarmado para lutar contra mim?

– Tu és tão grande e pesado – eu me impus – que a terra vibra com teu passo e as árvores estremecem. Mas não me assustas. Venho lutar em nome do Deus de Israel, que me ajudará a te derrotar.

– Então, foste tu quem pediu – Golias me advertiu e continuou avançando em direção a mim, com uma lança em uma mão e uma

espada na outra, do jeito, como me dissera o rei Saul, que ele viera ao mundo.

Corri ao encontro do gigante. Quando fiquei suficientemente próximo, tirei uma pedra do bernal, coloquei na funda e arremessei.

Levava cinco, como já contei, mas me bastou uma. Não foi à toa que havia passado anos treinando. A pedra atingiu Golias na testa, justamente por debaixo do capacete. Foi como se o monte inteiro caísse com estrépito.

Ao ver que caía seu melhor soldado, os filisteus prenderam a respiração. Soube o que tinha de fazer: era cortar a cabeça de Golias com sua espada, mas isso era justamente o que eu não queria. É que sempre me desagradou a visão do sangue.

A duras penas peguei a descomunal espada e a levantei sobre seu pescoço. Quando o colosso estendido me olhou com olhos suplicantes, pedi a ele que se rendesse e aceitasse as condições do desafio que ele mesmo havia imposto.

– Eu me rendo – disse Golias e me estendeu sua mão gigantesca.

Ao estender a minha, apertou-a com a força de um quebra-nozes. Senti uma dor imensa e compreendi que estava perdido.

– Não, não! Me solta! Já tive o bastante!

Acabava de pronunciar essas palavras quando soou de novo um murmúrio vertiginoso e me vi envolto em uma espessa nuvem. Foi como se um tornado me arrebatasse com fúria e imediatamente me depositasse, com infinito cuidado, na cadeira reclinável da Bibliotravel.

– Escassos dezesseis minutos – disse Pa, olhando seu cronômetro, quando a nuvem se dissipou.

– Minutos? Para mim pareceram dias! Ainda tenho a impressão de estar lá.

Era verdade. Ainda acreditava sentir a pressão da mão de Golias e movia a minha para me desprender dessa sensação.

Contei a Pa o que havia acontecido.

– Se tivesse cortado a cabeça dele, como está escrito na *Bíblia* – advertiu –, você teria se convertido em um herói e, posteriormente, com a morte de Saul, em rei. E continuaria em plena viagem.

– Não sei se teria gostado. Na verdade não me arrependo. Que faria com a cabeça de Golias? Iria levá-la a todas as partes como um troféu?

De qualquer forma, havia sido uma viagem muito curta. Como tinha de atender pessoalmente alguns clientes, Pa sugeriu que, a menos que estivesse muito cansado ou quisesse voltar para casa, escolhesse outro livro.

– Mais que cansaço, estou com um ligeiro enjoo – respondi.

É que minha mente ainda estava se recuperando do episódio bíblico. Não era fácil despertar no ano 2083, depois de ter viajado ao século X antes de nossa era, lutar contra um gigante, regressar ao presente e embarcar imediatamente em outra aventura.



GREGOS OU TROIANOS

Dormi um par de horas no escritório de Pa. Quando me senti melhor, voltei a consultar o catálogo da tela, onde encontrei o seguinte resumo:

“*Ilíada*. Homero, autor grego do século VIII, antes de nossa era. A ação ocorre em Troia, cidade cercada de muralhas, situada sobre uma colina. Corria o século XII antes de nossa era e tinham se passado nove anos desde que o príncipe Páris, filho de Príamo, rei de Troia, raptara a bela Helena, esposa de Menelau, rei de Esparta. Desde então, o exército grego, sob o comando de Agamenon, estava acampado próximo de seus navios, à espera de vingar a afronta. Centenas de combates tinham ocorrido sobre a faixa de terra que se estendia entre as muralhas e o mar, sem que a vitória fosse decidida por uns ou por outros.”

Procurei Pa.

– Posso viajar pela *Ilíada*? – perguntei. – Parece uma história formidável.

– E é, mas também é um poema cheio de combates e mortes. Tem de ser muito valente ou estar um pouco louco para viajar por ele.

– Você está falando com Davi, o vencedor de Golias.

– Tem razão – sorriu Pa. – Mas, antes que você vá para a guerra, quero dizer uma coisa. Mesmo que tenhamos por norma respeitar os textos dos livros pelos quais viajam nossos clientes, neste caso fizemos uma pequena exceção. Homero não contou o final da guerra de Troia na *Ilíada*, mas sim na *Odisseia*, outro de seus livros. Como alguns clientes se queixaram disso ao voltar da viagem, dizendo que nossa *Ilíada* acabara de um modo muito brusco, e que eles tinham sido extorquidos, decidimos incorporar essa parte da *Odisseia* na *Ilíada*.

– Está bem. Eu também acredito que todas as histórias devem ter um final apropriado.

– Então, vamos.

Voltei a ocupar a poltrona reclinável. O ajudante me colocou os estimuladores sensoriais e os conectou ao amplificador de inteligência. Desta vez foi como se o ar me envolvesse. Pareceu até que a viagem durava mais e que umas ondas me salpicavam, contudo já estava seco, quando me encontrei estendido na areia fresca de uma praia, no meio da noite.

Um homem com uma longa cabeleira, vestido com uma túnica sem mangas, se aproximou e me iluminou com uma tocha.

– Ei, Sinon! – gritou. – Anda, depressa, que Agamenon convocou o conselho.

Fui com ele até uma grande tenda, guardada por soldados armados. Em seu interior falava um homem de barba curta, com uma fita na cabeça. Dizia que, mesmo que a guerra durasse mais cem anos, eles, os gregos, nunca conseguiriam ultrapassar as grossas muralhas de Troia. Outros, vestidos com túnicas luxuosas, escutavam com o semblante preocupado. Um deles, sentado em um trono com adornos de ouro, devia ser Agamenon, o chefe do exército. Tinha os ombros largos e as sobrancelhas se juntavam sobre o grande nariz, formando uma única sobrancelha negra muito peluda.

– Não se esqueçam, aqueus – continuava falando o homem da barba curta –, que essas muralhas foram levantadas em uma só noite pelos deuses Apolo e Poseidon, e que as obras dos deuses não podem ser destruídas por mãos mortais. Já perdemos muitos chefes, como Aquiles e Ajax. Necessitamos dobrar Troia com astúcia, já que não podemos fazê-lo com a força.

Todos olharam para o meu acompanhante, como se fosse o único possuidor da astúcia de que tanto precisavam. Também olhei para ele e vi como Ulisses – pois assim ele se chamava – enrugava a testa e se concentrava no esforço de pensar.

– Tenho uma ideia – disse por fim. – Construiremos um enorme cavalo de madeira, com o corpo oco, em homenagem à deusa Atenas, e o abandonaremos na praia.

– Um cavalo de madeira? – indagou Agamenon. – Acreditas verdadeiramente que um cavalo de madeira, por maior que seja, pode destruir a cidade de Troia?

– Se tivesses me escutado bem – disse Ulisses –, recordarias que disse com o corpo oco. Em seu interior devem caber uns vinte valentes, perfeitamente armados. Em seguida subiremos em nossos navios e fingiremos que partimos de volta para casa. Mas não iremos muito longe e desembarcaremos no extremo oposto da ilha de Tenedos. Os troianos sairão da cidade para comprovar que partimos e para contemplar o cavalo de perto. Um dos nossos, alguém inteligente e valoroso como o jovem Sinon – neste ponto todos os olhares convergiram para mim –, permanecerá nos arredores. Deixará que o capturem e dirá que, perdida toda a esperança de rendição de Troia, construímos o grande cavalo de madeira como oferenda à deusa, para evitar que nos enviasse uma tempestade no caminho de volta.

– E por que acreditarão em mim? – perguntei, decidido a me livrar do encargo. – O mais fácil é que não me deixem falar e que me matem.

– Não, se te mostrares suficientemente hábil e contares que caíste em desgraça e que tínhamos a intenção de te sacrificar aos deuses, para nos assegurar ventos favoráveis e calma no mar.

Mas escapaste e te escondeste no canavial até ver os navios zarparem. Se conseguires fazer com que creiam nessa história, é bem possível que os troianos façam entrar o cavalo na cidade e o exibam no templo de Atenas, como um troféu de guerra. Depois, chegada a noite, os nossos sairão do cavalo e abrirão as portas da muralha aos demais, que, se aproveitando da escuridão, voltarão de Tenedos.

– Um plano digno de ti, Ulisses – disse Agamenon, antes que eu pudesse colocar novas objeções.

E assim, sem comer nem beber, me vi convertido no depositário de todas as esperanças dos gregos: aquele que tinha de provocar uma reviravolta na guerra.

Na manhã seguinte, começamos a cortar as árvores que cobriam o monte Ida e a construir o grande cavalo. Em três dias estava terminado. Em um dos flancos se lia a seguinte inscrição: "DOS GREGOS PARA ATENAS, AGRADECIDOS".

Menelau, Ulisses, Diomedes, Epeo e muitos outros, num total de vinte e três, puseram as armaduras e ocuparam seus lugares no estreito ventre de madeira. E ali ficaram, apinhados na escuridão, enquanto o exército grego queimava o próprio acampamento, embarcava e começava a remar rumo à ilha de Tenedos.

Eu me ocultei no canavial, como me haviam pedido. Dali, pude ver, depois de um tempo, como os troianos abriam as portas e corriam para a praia. Iam todos, inclusive as mulheres e as crianças, com os rostos resplandecentes de alegria. Percorreram as ruínas do acampamento fumegante e contemplaram o cavalo de madeira, admirados do seu tamanho e beleza. Alguns se puseram a discutir se era preferível destruí-lo ou conduzi-lo à cidade.

Um ancião de barba encrespada, que portava um bastão de ouro

com duas serpentes entrelaçadas na empunhadura e que devia ser o velho Príamo, rei de Troia, disse:

– Como está escrito em um dos flancos, o cavalo foi consagrado a Atenas. Se o destruímos, incorreremos em sua ira. Talvez seja mais prudente arrastá-lo até o interior da cidade e colocá-lo no templo da deusa.

Uma mulher vestida de negro e com o cabelo revolto se aproximou e se ajoelhou diante do rei.

– Pai! – gritou. – Não faças isso! Vejo no ventre da horrível besta centenas de homens armados! São feras sedentas de sangue. Assassnam os homens, violam as mulheres e atiram nas paredes as crianças. Se deixares que entre, se abaterá sobre nós a maior das desgraças.

Estava tão distraído, escutando a mulher, que não percebi a aproximação dos soldados troianos, que tinham me rodeado. Usavam altos capacetes de bronze, com longos penachos de crina de cavalo, e apontavam suas lanças. Eles se aproximaram, ataram minhas mãos às costas e me levaram preso para o velho Príamo.

– É um grego que encontramos no canavial – explicou um deles.
– Se queirmos as plantas dos seus pés, ele nos contará os segredos do cavalo de madeira.

Já se dispunha a converter em realidade sua sugestão, quando uma voz feminina disse com doçura:

– É muito jovem. Não há motivo para torturá-lo.

Aquela que assim falava era uma mulher que acompanhava Príamo. Tinha os olhos azuis como a água profunda, o cabelo como uma grinalda dourada rodeando a cabeça e um sorriso de mel.

– Obrigada, deusa Afrodite! – exclamei.

– Não sou Afrodite – sorriu a mulher –, ainda que esta não seja a

primeira vez que nos confundam. Meu nome é Helena. Fala mortal!

Contei o que Ulisses queria: que, para contentar os deuses, os chefes gregos tinham decidido me sacrificar antes de abandonar Troia, mas que eu havia escapado e que o cavalo era apenas uma oferenda.

– Por que tão grande? – perguntou Príamo.

– Para impedir que os troianos possam levá-lo ao interior de sua cidade e nos arrebatam o favor da deusa. Há quatro dias, Ulisses e Epeu se aproximaram das portas da muralha e mediram com o olho a altura de suas arcadas. Depois construíram o cavalo de tal modo que não pudesse passar por elas.

– Isso é fácil de se comprovar – atinou Príamo.

Ataram cordas na enorme besta e colocaram rodas sob suas patas. Como se fosse mais um troiano, eu me vi obrigado a empurrar o cavalo, que balançava e quase rodopiava sobre o terreno desigual.

Quando chegamos diante das portas, descobriram que não cabia e arreventaram a arcada da muralha, exatamente no centro. A cabeça do cavalo passou para o outro lado e Helena voltou a sorrir para mim, satisfeita. Ao compreender que minha mentira tinha dado certo, eu me senti envergonhado.

Continuamos empurrando o cavalo por umas ruas inclinadas. Mais de uma vez, a enorme besta esteve a ponto de se inclinar muito e de se despedaçar sobre as casas.

Por fim alcançamos o templo de Atenas, na parte alta da cidade. Ali, no pátio central, ficou instalado o cavalo.

Nessa noite os troianos beberam, cantaram e dançaram pelas ruas. Acreditavam que os gregos estavam já muito longe e que a guerra havia terminado. Finalmente, depois de tantos anos de

combates, de sangue e de lágrimas, eles se consideravam a salvo.

Centenas de mesas foram colocadas ao ar livre e Príamo mandou sacrificar trinta bois para que todos pudessem comer até se fartar.

Ou porque pensavam que eu tinha trazido sorte ou porque Helena tinha decidido assim, eles me convidaram para um banquete no palácio real e me fizeram sentar diante dela, que estava radiante e deixava emanar dos olhos um brilho de felicidade.

Páris, o homem que tinha trazido a bela de Esparta, já estava morto há dias num combate, mas Troia agora era vitoriosa. Por isso, a dor que Helena tinha sentido durante tanto tempo, por ser a causa da guerra, logo começaria a se atenuar.

Vendo Helena assim tão satisfeita, compreendi que não poderia mentir durante mais tempo. Ela havia evitado que me torturassem, e Príamo e os demais troianos tinham se comportado muito bem comigo. Por sorte, eu tinha ganhado a sua confiança. Não queria que ela nem qualquer outro troiano morressem. Também não queria que morressem os gregos, mas eram vinte e três guerreiros e, entre eles, não havia mulheres e crianças. Ao contrário, se me calasse, os troianos mortos seriam milhares.

Fiz um sinal e nos afastamos. Conteí que tudo era um arдил e ela abriu muito os olhos, parecia me ver pela primeira vez. De início me tratou com desprezo, em seguida tentou me entender. Nada do que escutava parecia estranho, porque Helena conhecia bem os ardis de Ulisses. Falou com Príamo, que avisou os soldados.

Não havia tempo a perder, porque os gregos podiam sair a qualquer momento. Fomos ao templo de Atenas. No pátio, o enorme cavalo se perfilava no céu sob a luz prateada da lua. Afortunadamente, a portinhola do ventre continuava em seu lugar.

Rápidos como sombras, os soldados rodearam o cavalo.

Helena se aproximou e acariciou suas patas, como se através delas quisesse perceber os movimentos dos seus ocupantes. Deve ter notado algo, pois assentiu com a cabeça e se afastou.

A um sinal de Príamo, os soldados empunharam suas lanças contra o encurvado ventre de madeira, que soou oco. Então se ouviu um sombrio retumbar de armas, vindo do interior, e um grito de pânico. A mim me pareceu reconhecer a voz de Ulisses.

Os troianos podiam atear fogo ao cavalo ou esperar que os gregos abrissem a portinhola para ir matando um a um.

Era inútil que os navios voltassem com toda pressa da ilha de Tenedos, como seguramente estavam fazendo. Nessa noite, ninguém abriria as muralhas de Troia.

Tentei me consolar pensando que os gregos tinham arriscado deliberadamente minha vida, mas não consegui. Sua causa me parecia injusta, porque haviam empreendido aquela guerra no afã de vingança, mas sentia que também era grego e me tornara um traidor.

– Que horror! – exclamei, quase sem me dar conta. – Não era propriamente uma queixa, mas o amplificador de inteligência entendeu assim. Nesse instante notei a vertiginosa aproximação do tornado, que me sugou como de costume.

Voltei a sentir um salpicar de ondas, mas já tinha secado, quando fui incorporado à poltrona reclinável da agência. Pa não se encontrava na sala, mas sim um dos ajudantes. Era um homem de movimentos muito lentos, que parecia estar sempre atento.

– Que tal foi? – perguntou, enquanto retirava os estimuladores sensoriais.

– Não estou certo – respondi, um pouco ofegante. – Acho que mudei a história completamente, fazendo com que os troianos

ganhassem a guerra e que morressem os ocupantes do cavalo de madeira.

– Ulisses também?

– Ulisses também, apesar de, na verdade, não ter chegado a vê-lo.

O ajudante gesticulou compreensivo.

– Seguramente você fez o que parecia correto. Além disso, cada experiência é individual. Ainda que custe acreditar nisto, afeta apenas os viajantes, mas não os livros. O próximo cliente que viajar pela *Ilíada* vai encontrar a cidade intacta e Ulisses vivo, como você encontrou.

Agora sim eu estava esgotado. A viagem pela *Ilíada* tinha durado um pouco mais de quatro horas, mas eu tinha a impressão de haver vivido todos os anos do cerco.

Por isso, quando Pa terminou seu trabalho e me perguntou como eu estava, respondi que me sentia muito mais velho.

– Bah! Na sua idade as pessoas se recompõem rapidamente – comentou, sem dar muita importância. – Além do mais, você teve a sorte de ser Sinon. Eu fui uma vez Heitor, o irmão de Páris, e tive que lutar com Aquiles.

– Você ganhou?

Começou a rir.

– Sim, claro. Do contrário, não estaria aqui.

Ele tinha viajado pelo menos uma vez por vários dos livros, para comprovar seu funcionamento.

Nessa noite, de volta para casa, conectei o computador para falar com Marc. Eu morria de vontade de contar para ele minhas viagens pela *Bíblia* e pela *Ilíada*.

Meu amigo estava com um humor excelente. Não parava de sorrir,

cantarolava e alardeava ter um segredo.

Por fim me confessou. Depois de muitos dias saindo com Marjorie, tinham se beijado. E os beijos foram de verdade.

– Não pode saber como é até que experimente – disse ele meio eufórico. – Você se sente muito bem e, ao mesmo tempo, é como se flutuasse. Marjorie é lindíssima. Se você pudesse ver a minha amada, também ia gostar dela.

– E como eu gostei! Teria que ser cego para não ver as imagens que você me envia. Esqueceu?

Continuou falando dela durante meia hora e não me deixou dizer uma só palavra sobre a bela Helena nem sobre minha participação na guerra de Troia. De qualquer forma, não sei se teria acreditado.



VIAGEM A *DOM QUIXOTE*

No dia seguinte, eu estava no meu quarto jogando o *Planet Wars Battlefront*. Era um dos meus videogames favoritos e normalmente passava sem dificuldade de um nível para outro. Mas, por alguma razão, minha pontaria estava pior que das outras vezes, e os sedentos Morlacks, alienígenas implacáveis que queriam se apoderar de nossas reservas de água, levavam a melhor. Nem sequer a triste perspectiva de passar o resto de minha vida carregando água para eles provocava minha reação.

O jogo era muito monótono, estava farto de disparar contra tudo o que se assemelhava a um Morlack e as ações de meus impetuosos companheiros – o capitão Mendel e os soldados Urth, Kaunas e Talliaferro – pareciam excessivamente previsíveis. A seu lado, até o gigante Golias era um prodígio de sutileza. Sem falar do astuto Ulisses.

Deixei de jogar e pensei nos livros, no poder que tinham para buscar nossa cumplicidade e para despertar em nós sentimentos desconhecidos. E isso porque eu só havia viajado neles, sem ter lido nenhum. Lembrei algo que Pa me tinha dito: que o mérito dos bons livros não dependia unicamente do argumento construído, mas da ordem das palavras e das frases. Talvez tivesse que fazer um novo esforço, começando pelos livros em que havia viajado.

Procurei o texto da *Bíblia* em Cosmonet e me deparei com três ou quatro versões. Pelo visto, ela ainda tinha leitores entre os navegantes.

O combate de Davi e Golias ocupava somente uma pequena parte de um capítulo do *Primeiro Livro de Samuel*. Li de uma sentada, no computador, apesar de não ter entendido todas as palavras. Não encontrei nada nele que não estivesse em minha viagem, a não ser o fato de, ao final, eu não ter cortado a cabeça do gigante e,

confiando em sua sinceridade, ter estendido a mão a ele.

No entanto, gostei da sensibilidade do livro e do seu sabor antigo e repetitivo, que produzia um ligeiro efeito hipnótico, como a narcococa. Imagino que isso era o que Pa chamava de ritmo da história. Enquanto lia, me pareceu ver o rebanho de ovelhas assustadiço e os penhascos onde se escondia o leopardo.

Também a *Ilíada* se encontrava na Cosmonet. A princípio me desconcertou um pouco. Mesmo que Pa tivesse dito que se tratava de um poema, não esperava que a versão espanhola estivesse em versos e, além disso, me perdia entre tantos deuses estranhos. Mas me deixei levar pelo texto, na medida em que apareciam as personagens que me eram familiares: Ulisses, Agamenon, Príamo e, sobretudo, Helena.

Continuava lendo, quando Pa chegou em casa à noite, e continuei a leitura até quando ele foi se deitar. Nove protestou, porque ainda estava programado para me recordar que deveria dormir cedo. Assim apertei os botões correspondentes, que estavam ocultos no seu ventre, e ajustei seu comportamento para o horário de verão, muito mais agradável. No mesmo instante, ele se encolheu aos meus pés e fechou os olhos.

Por volta das quatro horas da madrugada, apaguei a luz, mas não conseguia dormir. Acabava de ler o canto da *Ilíada* em que Heitor mata Pátroclo, confundindo-o com Aquiles, e passa a temer a vingança deste quando viesse a saber do ocorrido.

No fim, a curiosidade pôde mais. Farto de dar voltas na cama, acendi a luz, me sentei diante do computador e continuei lendo. Quase gritei quando o filho de Heitor começa a chorar, incapaz de reconhecer seu pai naquele guerreiro de tremulante penacho e brilhante armadura, que se aproximava para se despedir. Pressentia

o pior, e a lembrança de que, em sua viagem à *Ilíada*, Pa tinha assumido o papel de Heitor, aumentava a emoção da leitura.

Justamente naquele momento apareceu Pa na porta do meu quarto. Acabara de se levantar para ir à agência.

– O que você está fazendo? Não dormiu? – ele me perguntou.

– Veja, estou lendo a *Ilíada*.

Não disse nada, mas na penumbra pareceu que sorria.

Com um nó na garganta, assisti à horrível morte de Heitor, à profanação dos seus restos e a essa cena do canto final onde Aquiles e Príamo, o guerreiro furioso e desapiedado e o velho e respeitado rei de Troia, se abraçam e choram juntos.

O texto acabava abruptamente, com os funerais de Heitor. Desconcertado, apertei várias vezes a tecla de avanço, até que recordei o que Pa havia me contado: que o final de Troia não era contado na *Ilíada*, mas sim na *Odisseia*.

Assim, um livro me levou a procurar outro. Já na *Odisseia*, embarquei com Ulisses, rumo à ilha de Ítaca. Sem necessidade de passar pela Bibliotravel nem ocupar uma poltrona reclinável, viajei ao país dos comedores de lótus, burlei o ciclope Polifemo, parente longínquo de Golias, conheci a feiticeira Circe, que esteve a ponto de me transformar em porco, visitei o reino dos mortos, escutei os cantos sedutores das sereias e cheguei à ilha da ninfa Calipso, que me reteve durante sete longos anos.

Logo, convertido em Telêmaco, o filho de Ulisses, parti em busca do meu pai e escutei dos lábios de seus antigos companheiros de batalha a história do cavalo de madeira e o final da cidade de Troia, que não coincidia, naturalmente, com o meu. E, de novo transformado em Ulisses, voltei às minhas terras de Ítaca, fui reconhecido por meu fiel cachorro Argos e reencontrei minha

mulher, Penélope, tecendo um tapete interminável. Um a um, matei com minhas flechas todos os seus pretendentes.

Aprendi várias coisas. Uma que, quando alguém lê um livro, relaciona continuamente o que está lendo com o que já leu ou com o que sabe, de modo que vai mudando enquanto lê e, ao mesmo tempo, vai acrescentando detalhes ao livro, como uma paisagem ou um rosto, que não estavam nele. Isso pode parecer óbvio, mas eu não sabia. Se há um objeto realmente interativo, é o livro.

Outra coisa que aprendi é que o leitor também pode ir modificando seu ponto de vista à vontade, e se identificar com Aquiles, depois com Heitor e depois com Príamo ou com Penélope, sem falar do cachorro. Ao contrário, na agência, uma vez assumido o papel de Sinon, eu poderia alterar meu destino, mas jamais ser outro, a menos que começasse uma nova viagem.

Uma noite, na sala, Pa e eu nos esquecemos de acender o telessensor e ficamos conversando sobre livros.

– Você tinha razão – eu disse. – A *Ilíada* é um livro terrível. E a *Odisseia* também me parece bastante cruel, pelo menos no final.

– Você teria deixado os pretendentes com vida, como fez com Golias – aventurou Pa. – Certamente eu teria feito o mesmo. Mas talvez eles não tivessem nos perdoado e nos fizessem pagar caro por nossa generosidade. Eram outros tempos e era preciso estar sempre alerta.

Pensei no *Planet Wars Battlefront*, onde os Morlacks morriam às centenas. Um videogame era somente isso, um entretenimento. Ninguém, a não ser um maluco, podia acreditar realmente nos Morlacks, nem se identificar com eles ou lamentar seu desaparecimento, mesmo que veja isso na tela. Ao contrário, eu tinha a impressão de que nunca poderia tirar a morte de Heitor da

cabeça. contei isto a Pa.

– Os bons livros não se escreviam para tornar os leitores felizes – ele me alertou. – De fato, muita gente pode ser feliz sem eles. Foram escritos para despertar as pessoas, para sacudir suas consciências, para ajudá-las a se questionarem. Por que Heitor teve de morrer? Por que caiu Troia? Por que as pessoas queridas devem morrer?

Ele se calou, inclinou a cabeça e soube que Pa pensava em Ma.

Perguntei se ela gostava de livros.

Pa se sobressaltou, mas logo se recompôs.

– Aconteceu a ela o que aconteceu comigo – respondeu. – Quando era jovem lia bastante. Lembro que gostava das *Rimas e Lendas*, de Gustavo Adolfo Bécquer. Sabia de cor alguns poemas desse livro. Naquela época, por mais estranho que agora possa parecer, os meninos que liam, tinham muito êxito com as meninas, talvez por serem poucos. E as meninas que liam, também, pareciam mais interessantes e misteriosas. Uma vez, pouco depois de conhecê-la, vi que levava *Rimas e Lendas* debaixo do braço e pedi aquele livro emprestado. Disse que leria em uma noite e que o devolveria no dia seguinte, mas não pude acabar a leitura. Quando fui devolvê-lo, confessei que não havia terminado. Ela fez questão de deixar o livro mais um dia comigo. Eu emprestei para ela *A metamorfose*, do Kafka, mas ela não gostou. Quase sem percebermos, nós nos tornamos namorados. Depois que nos casamos continuamos lendo durante um tempo. Em seguida, como todos, fomos parando. Sabe que Ma nunca quis viajar pelo interior de um livro?

– Por quê?

– Dizia que os livros tinham sido escritos para serem lidos e que

viajar por eles parecia uma mentira, uma forma de engano. Eu dizia a ela que viajar por um livro era também uma maneira de ler, mas ela não me dava importância.

– E os livros que vocês tinham, onde estão?

– Para dizer a verdade, não sei. De qualquer forma, eram apenas quatro ou cinco.

– Será que ainda estão aqui em casa? – perguntei esperançoso.

Negou com a cabeça.

– De certo, começaram a se desintegrar, e acabamos jogando todos fora. Nessa época, não dávamos nenhum valor a eles. O único livro de verdade que há em casa é o do seu bisavô, já sabe. E porque o seu avô tomou a precaução de guardá-lo numa urna.

Engoli a saliva.

– Quer que a gente veja as notícias? – perguntei, para mudar de assunto.

Nessa noite, pus a videoconferência de costume, mas não encontrei Marc em casa. Também estava de férias e, com certeza, devia estar com Marjorie, passeando pelo parque ou nadando no lago Michigan. Havia caído sob seu feitiço, como Páris havia caído sob o de Helena. Será que isso aconteceria comigo também algum dia?

Chateado, comecei a procurar *Rimas e Lendas* e *A metamorfose* na Cosmonet. Não encontrei nem uma obra nem outra. Como já contei antes, quase todas as páginas da web que ofereciam textos de livros tinham caducado – eles somente mantinham as mais consultadas.

O texto de *Dom Quixote*, sim, estava. Eu me lembrei do homem que chamava a si mesmo capitão Ahab, que quis ler aquele livro pela primeira vez. E pensei também em todas as pessoas que antes de

mim, durante quase cinco séculos, seguiram aquelas linhas com o olhar.

“Em um lugar da Mancha, cujo nome não quero me recordar..”

A frase me cativou desde o princípio. Por que o autor não queria se lembrar daquele lugar? Sem dúvida, ali devia ter ocorrido alguma coisa muito desagradável. Convencido de que o romance esclareceria o mistério, continuei lendo.

Não esperava que fosse um livro tão divertido. Duas ou três vezes, deixei escapar uma risada e dormi quando Dom Quixote, ao final do quinto capítulo, pede que deem a ele de comer e o deixem dormir.

Quando despertei, ouvi que Pa tomava banho. Corri para preparar o café da manhã para ele: pêssegos termo-estabilizados, ovos mexidos com salsichas e suco de laranja.

Pa adivinhou assim que me viu:

– Você levantou mais cedo porque quer ir comigo e fazer outra viagem, mas já fez duas, e isso é muito mais do que tem a maioria dos meninos.

– Essas duas viagens – expliquei, enquanto tomava uma tigela de cereal com leite – eu fiz antes de ler os livros. Agora eu gostaria de fazer uma depois de ter lido *Dom Quixote* inteiro, ou pelo menos uma parte dele.

– Quando começou?

– Ontem à noite. Li cinco capítulos.

– E por que não espera terminar?

– Por favor, Pa! Vou lê-lo inteiro, mas vou demorar pelo menos uma ou duas semanas. Além disso, estou certo de que neste caso vou aproveitar melhor a leitura se fizer antes a viagem. Mesmo que ontem tenha sido bom, havia coisas que eu não compreendia. Nem

sequer sei como eram os livros de cavalaria.

– Eram histórias de cavaleiros andantes que, pelo amor de uma mulher, iam em busca de perigos e aventuras, e lutavam contra seres estranhos e fabulosos.

– E ganhavam a mulher com isso?

– Nada. Algumas vezes, elas nem ficavam sabendo. Mas os cavaleiros acreditavam que, aumentando a sua fama, seriam dignos da atenção de suas damas. Os livros que contavam essas histórias foram muito populares no seu tempo, mas na época de *Dom Quixote* já não eram – ele explicou e se levantou. – Bem. O que quer vestir? Às vezes, penso que crio você mal.

Pouco antes de sair para a rua, ajustamos os controles de nossa roupa termorregulável. Era agosto e fazia um calor insuportável.

Uma hora depois estávamos na agência. Nem quis ler o resumo do livro, que não poderia me dizer mais do que eu já sabia, e me submeti ao ritual eletrônico.

Ouvia o ajudante contando atrás de mim e um rumor de vento. Um formigamento percorreu meu rosto e meus braços nus, como se tivesse alcançado uma nuvem de areia.

Quando abri os olhos, eu me encontrei a uma pequena distância de uma divisória cheia de descascados, que me parecia um lugar desconhecido.

– Que faz aí, feito bobo, de cara para a parede? – me disse uma voz de mulher madura. – Vá buscar as chaves do aposento onde nosso senhor guarda seus livros desalmados, que são a causa de nossas desventuras, e entregue-as ao senhor licenciado Pedro Pérez e a mestre Nicolas, para que queimem todos eles.

Dei a volta e descobri que estava na cozinha da casa de Dom Quixote, no ponto exato do livro onde havia parado de ler na noite

anterior. Tinha diante de mim a ama e a sobrinha do engenhoso fidalgo, e também o padre e o barbeiro do lugar, que se diziam amigos seus, mas que me pareceram gente de pouca confiança, desde o instante em que topei com eles.

Demorei um pouco para saber quem eu era, porque ela me chamar de bobo não tinha ajudado a me identificar, até que me lembrei de certo “moço de campo e esporas”, quer dizer, um moço para tudo, “que tanto selava o rocim como empunhava a podadeira”, e que saiu, logo no início do primeiro capítulo.

Peguei, então, as chaves, que estavam penduradas em um gancho, atrás de uma porta, e entreguei ao licenciado Pedro Pérez, isto é, ao padre. Depois, fomos os cinco ao cômodo onde Dom Quixote guardava os livros, que dava para o curral. Havia ali mais de cem livros grandes, muito bem encadernados, e outros menores, de poesia, que meu senhor também apreciava muito.

O padre pediu ao barbeiro que desse a ele um livro de cada vez, para ver se mereciam ser salvos da fogueira.

– Não perdoem nenhum – advertiu a sobrinha –, porque todos, por mais inocente que seja sua aparência, são igualmente daninhos por dentro. Mais vale atirá-los pela janela, amontoá-los no curral e atear fogo neles.

Mas o padre se negava a queimá-los sem comprovar os títulos. O barbeiro pôs em suas mãos *Amadis de Gaula*.

– Este foi o primeiro livro de cavalaria impresso em nosso país – explicou o padre – e, por essa razão, será o primeiro a arder.

Eu não tinha lido, mas sabia que Dom Quixote o venerava.

– Senhor – disse –, sempre soube que este é o melhor do seu gênero.

O padre me olhou com perplexidade.

– Não sabia que entendias de livros – observou. – Como tens razão, por enquanto pouparemos a vida dele. Vejamos esse outro livro que está do teu lado.

– *As aventuras de Esplandián* – leu o barbeiro. – Conta a história do filho de Amadis.

– Mas a bondade do pai não salvará da fogueira o filho – sentenciou o padre. – Tome, senhora ama, e jogue no curral.

Dito e feito. A ama pegou e atirou o livro pela janela.

Eu estava escandalizado. O que era isso de queimar livros, que nem podiam fugir nem se defender, com o pretexto de que teriam transtornado o juízo do nosso amo? Pobres livros, sem pernas nem braços, incapazes de arranhar ou morder!

– O seguinte – disse o barbeiro – é *Amadis de Grécia*. Todos os desta estante pertencem à longuíssima descendência de Amadis.

– Ao curral todos, então – ordenou o padre. – Que ninguém possa nos acusar de separar as famílias.

A ama e a sobrinha os atiraram pela janela.

O barbeiro abriu outro livro. Viu que era *Palmeirim da Inglaterra* e que, ao seu lado, havia outros Palmeirins.

– Não basta um Palmeirim de amostra – acusou o padre. – E agora, senhora ama, pegue todos os livros grandes que restam e jogue todos eles no curral, que não convém perder mais tempo com estas sandices.

Quando chegou neste ponto, não pude aguentar mais. Fui à alcova de Dom Quixote e o encontrei deitado na cama, com os olhos fechados e o nariz afilado como uma pena.

– Senhor, senhor, desperte! – chamei. – Dois ladrões entraram em sua biblioteca e a estão saqueando.

Nesse momento, ele abriu os olhos grandes como pratos, se

levantou, pegou a espada e foi correndo para defender seus livros. Eu o segui como pude.

– Não são ladrões – disse vendo os intrusos, assombrados e em pânico –, mas feiticeiros de linhagem. Este é o malvado Frestão – acusou, apontando o padre –, que tem ojeriza a mim e rouba meus amados livros para que não possa seguir o heroico exemplo de Tirantes, Belianises e Palmeirins. E esse aí – acrescentou, apontando o barbeiro – é o sábio encantador Arcalaus, inimigo mortal de Amadis, que persegue os livros em que se fala do imortal cavaleiro, e os queima para impedir que cheguem os ecos de sua fama. Quanto a estas mulheres, não as conheço, mas estou crente de que devem ser poderosas feiticeiras. O que fazem aqui, gente de más artes? Como pode haver estantes vazias? E como ousam tomar a figura de meus bons amigos e parentes? Pagarão bem caro por sua ousadia.

Dizendo isto, então se atirou sobre os intrusos e começou a dar cutiladas e reveses. E teria causado alguma ferida grave, se não estivesse demasiadamente fraco, em consequência da surra que tinha levado de um moço de mulas, no dia anterior.

Tropeçou num monte de livros, que a ama e a sobrinha derrubaram quando entraram no cômodo, caiu e no mesmo momento adormeceu.

Depois de conseguirmos deitá-lo, expliquei ao padre, ao barbeiro e às duas mulheres que, quando Dom Quixote despertasse, começaria a pensar no que tinha acontecido. Veria seus livros e, não os encontrando em seu devido lugar, por certo ia se lembrar de quem havia surpreendido ali mesmo. Talvez então não atribuisse o roubo aos feiticeiros, mas a seus amigos e parentes. Deviam, então, renunciar à queima ou adiá-la para outro dia.

Por sorte, consideraram o que eu disse e começaram a recolher os livros e devolvê-los a suas estantes.

Dois dias depois, o fidalgo se levantou. Ainda estava fraco, mas não tinha perdido a memória. Foi ver seus queridos livros e, encontrando todos eles em seus lugares, atribuiu o fato à minha intervenção.

– Oh, amigo meu, que oportuno estiveste! – ele me saudava. – Se não fosse por ti, Frestão, Arcalaus e essas duas bruxas teriam vencido e colocariam fogo em tudo.

Ele passou os quinze dias seguintes em casa, aparentemente muito tranquilo, falando com o padre e com o barbeiro, sem dar mostras de recaída.

No entanto, tentava me convencer de que lhe servisse de escudeiro. Em troca, prometia me fazer governador da primeira ilha que conquistasse em combate cavalheiresco. Não acreditei nele, mas pensei que se meteria em muitas confusões, que necessitaria de ajuda e que, se eu fosse com ele, poderia ser útil. Além disso, eu me iludia com a perspectiva de cavalgar a seu lado e compartilhar suas aventuras.

Na mesma manhã de nossa partida, descobri que, ainda que Dom Quixote tivesse Rocinante, não havia previsto para mim nenhuma montaria. Então sugeri que fosse andando a seu lado, mas eu expliquei que não estava acostumado a caminhar o dia todo. Assim, tirei o asno do estábulo e montei nele.

Dom Quixote comentou que não se recordava se nos livros de cavalaria os escudeiros montassem asnos, mas que tampouco havia lido que não o fizessem. Prometeu-me que cedo ou tarde derrotaria algum cavaleiro descortês e eu ficaria com seu cavalo. Aquela notória falta de meios deveria ter me servido de advertência.

Sáímos sigilosamente da aldeia, para não sermos vistos, e cavalgamos toda a noite. Nisto, chegamos ao campo de Montiel e vimos ao longe trinta ou quarenta moinhos de vento. Dom Quixote afirmou que eram gigantes, que o desafiavam agitando seus grandes braços. Investiu contra eles, sem escutar minhas advertências, e afundou sua lança em uma das pás, que o levantou pelo ar, com cavalo e tudo, antes de fazer com que ele rodasse pelo campo.

Quando me aproximei deles, Dom Quixote e Rocinante estavam tão maltratados que não podiam se mover. O fidalgo atribuía o fracasso do lance ao feiticeiro Frestão, que o odiava ainda mais desde que havíamos frustrado o roubo dos livros, e tinha convertido os gigantes em moinhos, para tirar do herói a glória de acabar com eles.

Fiz com que o cavalo se levantasse, ajudei o fidalgo a ficar em pé e depois montei o segundo sobre o primeiro.

Nessa noite, dormimos sob umas árvores. Dormimos é só uma maneira de falar, porque Dom Quixote não parava de falar em sonhos. Tão rapidamente elogiava os encantos de Dulcineia quanto discursava sobre os livros de cavalaria do futuro, que contariam suas façanhas prodigiosas.

Na manhã seguinte comprovei o calibre dessas façanhas. Dom Quixote cismou que dois frades beneditinos, montados em mulas, que não faziam nada além de seguir o mesmo caminho que uma carroça, eram feiticeiros que tinham raptado uma princesa e a levavam em uma carruagem.

Meu senhor os atacou. Derrubou um e fez com que o outro fugisse, e em seguida sucedeu o mesmo com um escudeiro que escoltava a carroça. O escudeiro bem que se defendeu com a espada, desferindo tal golpe que fez o engenhoso fidalgo perder

meio capacete e um pedaço de orelha.

Dom Quixote, por sua vez, descarregou sua arma sobre a cabeça de seu oponente, que caiu no chão, jorrando sangue pelos ouvidos, pelo nariz e pela boca.

Eu não pude intervir, porque dois moços, que iam a pé e serviam aos frades, se lançaram contra mim, por considerar que eu tivesse participado do ataque e me deram uma surra.

Quando todos foram embora, aproximei-me de *Dom Quixote* e comecei a curar sua orelha machucada, com trapos e pomadas que levava nos alforjes. Eu, no entanto, não tinha alguém que me curasse os golpes.

Nesse dia, acabamos com o queijo, com as cebolas e com os pedaços de pão que eram todas as nossas provisões, e meu senhor começou a me falar de que antigamente os cavaleiros andantes somente comiam ervas e frutas secas. Pensei que era uma piada, mas não.

Na manhã seguinte, tivemos outra desgraçada aventura. Uns arrieiros, bravos porque Rocinante quisera fazer a corte a suas éguas e fora defendido por nós, nos rodearam e nos bateram com suas varas. Ficamos alquebrados e feridos, com um aspecto lamentável e no maior dos desânimos. Menos mal já que meu burrico não recebera nenhuma varada.

Nessa noite, peguei umas quantas ervas para meu senhor e para mim. Enquanto mastigava e fingia que era uma alface, Dom Quixote disse:

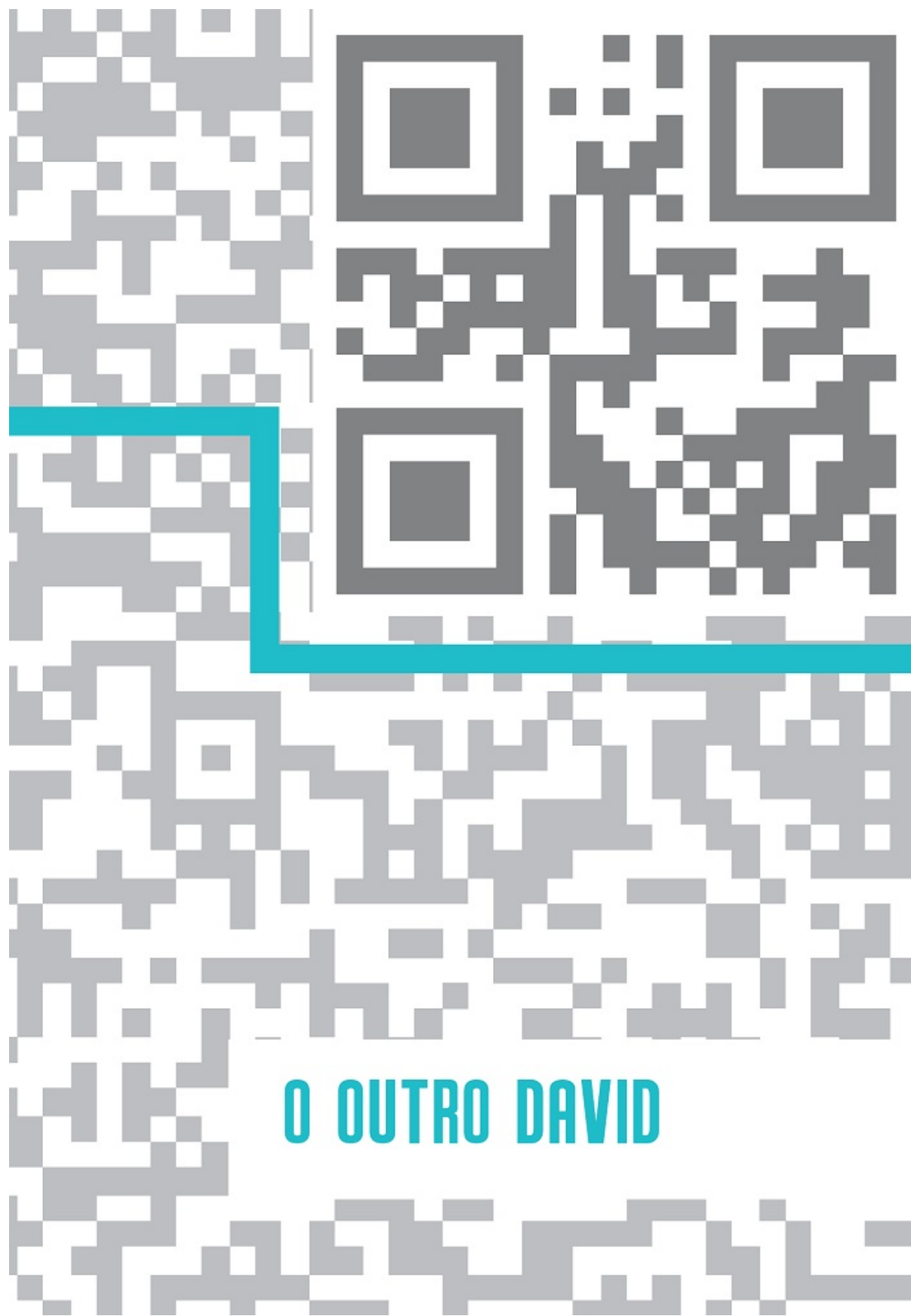
– Doem-me tanto as costas que mal consigo respirar. Mas não me queixo da dor, porque um cavaleiro andante não deve se queixar mesmo que lhe saiam as tripas.

– Pois eu – repliquei – me queixo sim. Tenho as costas cheias de

hematomas e não posso me sentar nem me deitar. Em minha vida foi o pior que passei.

Eu tinha acabado de pronunciar estas palavras, quando a noite se fez mais escura. Foi como se as estrelas se apagassem de um só golpe ou como se um enorme pássaro voasse sobre nós.

De novo senti o gemido do vento e o roçar contínuo de uns grãos de areia. Mas não havia restos de areia, nem em minha pele ou em minha roupa, e não sentia dor alguma, quando voltei a me encontrar na poltrona reclinável da Bibliotravel.



O OUTRO DAVID

De noite jantei com vontade, pensando nas insípidas ervas do campo que tinha compartilhado com Dom Quixote e nas vantagens de ter uma cozinha bem equipada. Já não existiam bibliotecas como a do valoroso fidalgo, mas, pelo menos até o momento, havia alimentos suficientes. Era isso que acontecia ultimamente, era o que acontecia no imenso Sul, desflorestado e seco.

Continuei lendo o romance de Cervantes, como tinha prometido a Pa. Não tinha a consciência tranquila, por ter abandonado Dom Quixote estropiado, com uma orelha machucada, em pleno campo e na metade da noite. Por isso me agradou saber que Sancho Pança era um escudeiro muito mais generoso e sofrido que eu, e que ambos se curaram dos golpes dos arrieiros em uma estalagem acolhedora, que o engenhoso fidalgo havia confundido com um castelo.

Também me felicitei por ter saído do livro a tempo. Ainda que obviamente Sancho Pança e eu não fôssemos o mesmo personagem, pode-se dizer que, durante minha viagem, roubei suas funções. Poucas páginas depois da noite em que eu tinha voltado ao presente, um grupo de gente alegre e maldosa enganou o presunçoso escudeiro e o manteve no pátio da estalagem como se fosse um espantalho. Estou certo de que teriam feito o mesmo comigo, se eu tivesse ficado.

Quanto ao “moço de campo e praça” que sai no princípio do livro e cujo papel assumi, o mais extraordinário é que não voltei a encontrá-lo em todo o romance. Sei que não tem sentido, mas eu gosto de pensar que Cervantes o colocou ali só para que eu me transformasse nele, ao viajar pelo interior de *Dom Quixote*.

O texto seguinte que li na tela do computador foi o de *David*

Copperfield. A primeira vez tinha fracassado na tarefa. Agora, com a experiência de outras leituras, e sobretudo da de *Dom Quixote*, livro complicado, consegui terminar em poucos dias.

Viajei rápido para o romance de Dickens, graças à Bibliotravel, e fui David, como já era de se esperar. A princípio me senti um pouco estranho, porque de repente me vi muito pequeno e senti como se tivesse encolhido. Não tinha mais dezesseis anos, mas nove, e vivia com minha mãe, de cabelo longo e sedoso, e Peggotty, uma babá de grandes olhos negros, na Torre das Cornijas, nome que meu pai havia posto na casa.

Da janela da sala de jantar se via o cemitério. Fazendo um pequeno esforço, se distinguia inclusive uma tumba coberta por uma lápide de pedra branca, que era a de meu pai.

Uma noite, a babá e eu estávamos sós, sentados juntos à chaminé da sala de jantar. Não queria me deitar antes que minha mãe voltasse, pois tinha saído. Lia em voz alta um livro de viagens pela África, onde se descreviam os costumes vigilantes das hienas, que de noite rondam os acampamentos. Por alguma razão, minha leitura parecia impressionar muito Peggotty.

Soou a campainha da porta e fomos abrir. Minha mãe entrou na companhia de um cavalheiro de grandes costeletas, que ela apresentou como senhor Murdstone.

– Querida criança! – exclamou o cavalheiro, dando-me umas palmadinhas na cabeça.

Eu me afastei dele e abracei minha mãe, que, sem dúvida, nunca tinha visto tão bonita.

– Então tenho em você um rival – comentou Murdstone.

– O que quer dizer isso? – perguntei inquieto.

– Você já vai entender.

Ao se despedir de mim, pediu que lhe desse a mão. Como havia me agarrado à minha mãe com a mão direita, estendi a esquerda.

– Essa é a mão falsa – observou Murdstone, rindo, e se negou a apertá-la.

Por outro lado, levou aos lábios a mão que minha mãe estendia para ele e a beijou, fechando os olhos.

Antes de sair, ele nos dirigiu um olhar que me inquietou ainda mais. No entanto, minha mãe deve ter gostado, porque começou a cantarolar em voz baixa.

Pouco a pouco, fui me acostumando a ver Murdstone com frequência, sem que ele me parecesse agradável. Era um homem grave e, em alguns momentos, sombrio, que se esforçava por parecer jovial.

Certa noite, minha mãe se inclinou sobre minha cama e me deu muitos beijos. A luz da lâmpada incidia sobre seu cabelo avermelhado, que parecia de fogo. Ela me perguntou se eu gostaria de passar duas semanas em um lugar da costa, onde Peggotty tinha um irmão.

– Você vai se divertir muito – insistiu. – Peggotty e seu irmão vão cuidar de você. Acho que ele é muito simpático. Além disso, vai ver o mar, os barcos e os pescadores.

Se não estivesse deitado, teria dado saltos de alegria. Mas a ideia de que minha mãe fosse ficar sozinha diminuía minha felicidade.

– Ah! Não tinha lhe contado? – perguntou ela, quando manifestei minha preocupação. – Nesses dias estarei fora. Vou ficar na casa de uma amiga.

Então aceitei. No dia da partida, Peggotty e eu subimos na diligência que nos levaria à costa. Minha mãe já tinha me beijado, mas, quando a diligência começou a andar, ela gritou para que o

condutor parasse e me deu outro beijo.

A carruagem avançou de novo. Então vimos Murdstone, que vinha se aproximando de minha mãe. Parecia que ele brigava com ela.

– Por que incomoda tanto a ele que minha mãe e eu nos gostemos tanto? – perguntei a Peggotty, mas a babá me olhou com gravidade e não respondeu.

Não demoramos muito a chegar à praia.

– Ali está a nossa casa, David – disse Peggotty.

Não era bem uma casa, mas sim um barco colocado ao contrário, com a quilha para cima. Cheirava a marisco, mas por dentro estava muito limpo, com todos os móveis e utensílios necessários.

O irmão de Peggotty – tio Dan, como eu o chamava – era, de fato, um homem muito simpático, que logo teve meu afeto.

Tinha o nariz achatado e os braços mais robustos que eu já tinha visto. Havia sido boxeador, mas agora se dedicava à pesca de mariscos. Daí o cheiro, que o acompanhava por todos os lugares. Ele me contou muitas histórias sobre barcos, naufrágios e tesouros submersos, e sempre que podia me levava para navegar em um bote.

Os quinze dias se passaram rapidamente, sem mais mudanças que as das marés.

A tarde do nosso regresso era fria e chuvosa. Sentada ao meu lado na diligência, Peggotty não parava de se mexer. Parecia nervosa. Quando, finalmente, chegamos à Torre das Cornijas, corri para a porta e abri, sem encontrar ninguém.

– O que está acontecendo, Peggotty? – interroguei assustado. – Por que minha mãe não veio nos receber? Ela não morreu, não é?

– David, meu filho – disse Peggotty. – Perdoe por eu não ter contado antes. O que acontece é que sua mãe se casou e agora

você tem um pai.

– Um outro pai? – perguntei, receoso, porque minha imaginação me fez evocar a lápide do cemitério.

– Venha vê-lo.

Fomos ao salão. Minha mãe estava sentada de um lado da chaminé, tricotando. Do outro, estava Murdstone, olhando o fogo. Minha mãe se levantou em seguida e, ainda que com certa timidez, me abraçou.

– Clara, querida, procure se dominar! – ordenou Murdstone e, para mim, acrescentou com indiferença: – Olá, David.

Não soube o que dizer. Como podia aquele desconhecido usurpar o papel de meu pai?

Pouco depois, minha mãe me deu um tapinha carinhoso nas costas e voltou a se sentar, como se a coisa mais importante do mundo fosse retomar seu trabalho.

Abandonei o salão. A casa toda tinha mudado tanto que quase não parecia o lugar onde minha mãe, Peggotty e eu tínhamos sido tão felizes. Corri para o meu quarto, mas já não era meu. Todos os meus móveis e objetos tinham sido levados para um quarto menor, onde foi difícil entrar. Desolado, eu me atirei sobre a cama, me cobri com uma colcha e dormi.

Já era noite quando acordei, ouvindo a porta que tinha batido forte. Murdstone, com uma lamparina na mão, me olhava fixamente.

– David – disse –, eu sei que não sou muito simpático para você. Acho que vai gostar de saber que esse sentimento é recíproco. O que pensa que faço, quando quero domar um cavalo que tem uma resistência a mim? Responda!

– Como posso saber?

– Eu dou uma surra nele até ele entender quem é que manda. Às

vezes demora a aprender, mas aprende. Você me compreende?

Concordei. Então ele ordenou que eu lavasse o rosto para apagar todas as marcas das minhas lágrimas. Pelo seu olhar percebi que, se não obedecesse, ele me bateria sem compaixão.

– Acredito que não dará mais desgostos a você, Clara – disse à minha mãe quando voltamos ao salão. – Se acontecer, nós o educaremos de novo. Bem se vê que cresceu sem pai.

Jantamos os três sozinhos, em silêncio. Logo subi para me deitar. Minha mãe me acompanhou e me abraçou apressadamente. Antes de desaparecer, disse que me amava muito e que eu tinha de amar e obedecer a meu novo pai. Tudo tinha acontecido com tal rapidez que precisei me beliscar, para ter certeza de que não tinha visto um fantasma.

No dia seguinte, Murdstone se encarregou da responsabilidade de me educar. Abriu meus livros de texto e me fez perguntas sobre diferentes temas. Eu errei quase tudo, em parte porque nunca tinha estudado muito e em parte porque, como ele não tirava os olhos de mim, eu ficava cada vez mais nervoso. Querendo me ajudar, minha mãe dava forma com seus lábios a algumas respostas. Murdstone percebeu, gritou que ela era muito mole comigo e me expulsou do quarto.

Cenas parecidas se repetiram durante longo tempo. Uma manhã, ao entrar no salão para a aula, vi Murdstone fazendo voltas com um chicote no ar. Minha mãe estava pálida a seu lado.

– Hoje tem que ser mais cuidadoso, David – disse ele, agitando o chicote.

Convencido de que ele iria me bater de qualquer jeito, falhei mais que de costume.

– David, você e eu subiremos – anunciou. – Temos que conversar

seriamente.

Quando saímos, minha mãe veio em nossa direção como se quisesse impedi-lo.

– Você é tonta, Clara? – perguntou Murdstone.

Minha mãe parou e fez um gesto de impotência.

Nem bem chegou ao meu quarto, Murdstone prendeu minha cabeça com o braço esquerdo, cobriu minha boca com a mão e me açoitou. Não podendo me defender de outro modo, mordi a mão que estava ao meu alcance. Isso fez com que sua fúria redobrasse. Continuou me golpeando nas costas, como se quisesse me matar, até que perdi os sentidos.

Quando voltei a mim, vi Peggotty, que tinha me despido e colocava um unguento nas minhas feridas.

– Pobre menino, pobre menino! – repetia entre lágrimas.

Eu me perguntava o que aconteceria em seguida. Murdstone ia me mandar para a prisão? Ia me enforcar com suas próprias mãos? O que mais me doía não eram as feridas, mas sim que minha mãe parecia gostar dele e era incapaz de reagir.

Passei uns dias a pão e água, trancado em meu quarto. Depois disso, o tirano anunciou que na manhã seguinte eles me enviariam para um internato, próximo de Londres. Nessa noite, não pude dormir. Peggotty veio cedo para me ajudar a preparar a bagagem. Disse que não me esqueceria e cuidaria de minha mãe.

Soou um ranger de rodas. Era a carroça que tinha vindo me buscar. Eu guardava a esperança de que minha mãe estivesse lá embaixo, na porta, mas não. Sem dúvida, o tirano tinha proibido que ela saísse para se despedir de mim.

Depois, quando subimos o baú e a carroça se pôs em marcha, vi o rosto de minha mãe espiando pela janela do seu quarto.

Foi então, enquanto me dirigia a Londres em uma carroça que ia cambaleando como um bêbedo, que me dei conta de que não estava pensando na mãe de David Copperfield, mas sim na minha mãe: em Ma.

Pa me havia dito que os viajantes para o interior dos livros não podiam distinguir se tudo o que acontecia durante a viagem era real, pois eles não notavam a diferença. Mas havia momentos, mais ou menos breves, em que era possível manter uma espécie de dupla consciência: o viajante sabia quem ele era no livro e também fora dele.

Pensei que não devia me deixar levar pelos acontecimentos do romance, que conhecia bem, e que tinha a obrigação, como Peggotty, de cuidar de minha mãe e também de mim mesmo. Seria possível retroceder umas páginas, até o momento em que Murdstone me batia com o chicote?

De repente e sem ter pronunciado uma só palavra, voltei a me ver naquela situação lamentável, mordendo a mão do tirano e sofrendo seus bárbaros açoites. A porta do quarto se abriu e recebi um forte puxão, que me separou de Murdstone. Antes de reconhecer meu salvador, me pareceu sentir um leve cheiro de marisco.

Era o tio Dan, o irmão de Peggotty. Murdstone tentou se defender com o chicote, mas o tio Dan deu um soco não queixo dele e o derrubou. Três vezes o tirano tentou se levantar e as três voltou a cair no chão. Um fiozinho de sangue saía de sua boca. Finalmente, o tio Dan o tirou de casa a tapas.

– Você vai se arrepender disso, maldito imbecil! – gritou Murdstone. – Farei com que encerrem você em uma prisão pelo resto de sua vida!

A ameaça tinha muito sentido, porque, afinal de contas,

Murdstone tinha se casado com minha mãe, e nenhum tribunal negaria a ele o direito de surrar o seu enteado. Tio Dan, ao contrário, era um intruso, e o fato de sua irmã o chamar para nos libertar do tirano não justificava a luta nem a expulsão.

Falamos com minha mãe que se mostrou esperançosa. Dava para ver claramente que, apesar da incerteza que o futuro nos reservava, a nova situação também era um alívio para ela. Por isso, ela me abraçava e me beijava espontaneamente, como antes de se casar com Murdstone.

Tio Dan decidiu não se esconder e permanecer conosco até que chegasse a polícia. Quando esta se apresentou e rodeou a casa, a surpresa foi imensa. Não vinham porque Murdstone nos havia denunciado, mas porque estavam à procura dele. Alguém havia reconhecido nele um assassino profissional. Tinha se casado com duas ou três viúvas, em diferentes lugares da Inglaterra, e depois as havia envenenado.

Ao compreender que ele unicamente queria o seu dinheiro e que me tirar de casa era o primeiro passo para deixá-la sozinha sob o seu domínio, minha mãe lamentou sua cegueira passada e me pediu perdão.

Percebi que apreciava sinceramente o tio Dan e que, apesar das diferenças que havia entre eles, a relação se fortalecia.

Todos gostavam de mim, mas ninguém parecia precisar realmente de mim, exceto, talvez, a fiel Peggotty.

Certa noite, fui ao cemitério, que resplandecia sob a luz da lua. Eu me deitei sobre uma lápide e pensei em meu pai, gelado e só do outro lado da pedra branca.

– Papai, papai! – chamei com uma voz levemente perceptível.

O ar vibrou por um instante. Um ponto aceso traçou uma linha

luminosa no céu. Era uma estrela fugaz que passava.

De repente, uma ventania levantou e me levou com ela. Tive a sensação de atravessar uma densa nuvem de fumaça. Pouco depois me encontrava na Bibliotravel, sob o olhar atento de Pa.

Não contei a ele o quanto a mãe de David Copperfield se parecia com Ma, porque não queria reavivar sua saudade. Ao contrário, expliquei que havia conseguido retroceder umas páginas, depois de ter viajado por elas, e corrigir um destino que parecia condenado irremediavelmente.

É o primeiro viajante que faz isso – disse Pa. – Pelo visto, ainda não conhecemos todas as possibilidades do amplificador de inteligência.

À noite, Marc me chamou. Fiquei um pouco alarmado vendo que ele estava pálido e muito nervoso. Tinham contado a ele que Marjorie fazia circular, entre os amigos, umas mensagens que ele havia enviado a ela por correio eletrônico, dizendo o quanto gostava dela.

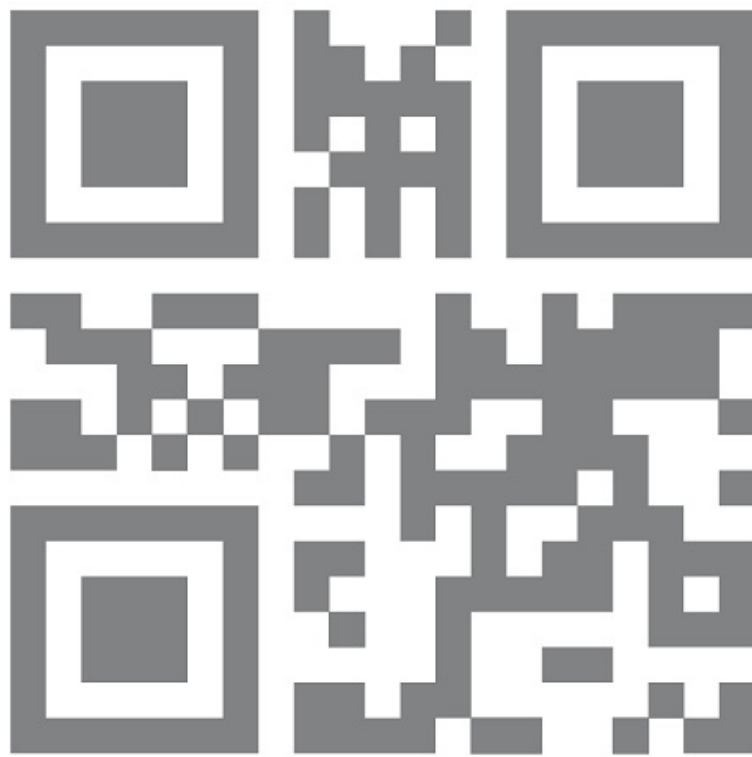
- Ela até brinca com meus erros de ortografia – ele se lamentava.
- Essa foi a única vez que escrevi para alguém!
- Mas, tem certeza que foi a Marjorie?
- Sim, me repetiram minhas próprias frases, palavra por palavra. Pelo visto, todo mundo do instituto já sabe. Não pode imaginar a humilhação que é.

Perguntei se tinha falado com ela e ele me respondeu que não.

- E o que você vai fazer?
- Ainda não sei. Vou ter de dizer a ela que sei de tudo. O pior é que ainda gosto dela. Não entendo como pôde fazer isso comigo.

Conversamos durante horas. Com Marc sempre era assim. Não sei como arranjava as coisas, pois tudo que acontecia com ele sempre

parecia o mais importante. Ainda não tinha contado nada das minhas viagens pelos livros e ele continuava me colocando a par dos seus amores e desavenças com Marjorie.



A ILHA DO AMOR

A verdade era que eu também começava a sentir a necessidade de amar alguém. Às vezes, imaginava que a felicidade me esperava em algum lugar mais ou menos próximo e que estava relacionada com o sexo oposto de um jeito que eu ainda não sabia definir.

Dos livros que eu havia lido e visitado, tinha tirado minhas próprias conclusões. Não tinha sido o amor de Páris pela bela Helena a causa principal da guerra de Troia e de sua destruição? Não era o amor pela sem igual Dulcineia o que inspirara Dom Quixote, fazendo aquele cavaleiro sonhador empreender aquelas loucas aventuras? Lentamente, eu ia compreendendo a enorme importância do amor. E mais, talvez, lendo, fosse possível aprender a amar.

Pode ser que pareça muito ingênuo, mas continuo pensando a mesma coisa.

Na Cosmonet, descobri que um russo, Ivan Turgueniev, tinha escrito, fazia pouco mais de duzentos anos, uma novela chamada *Primeiro Amor*. Para mim, que não tinha experiência nesse terreno, era um título sedutor. Mas não parecia que outros navegantes compartilhassem do meu interesse, e nenhum buscador me dava acesso ao texto.

Pa me encontrou de mau humor. Tive dificuldade de explicar o motivo, porque temia que ele risse. No entanto, era a única pessoa que podia me ajudar.

– *Primeiro amor*, de Ivan Turgueniev? – repetiu. – Não li esse livro, nem viajei por ele, mas ele faz parte do catálogo da Bibliotravel. Bom, pelo menos, eu acho. Foi colocado lá quando os russos instalaram uma base na Lua e todo mundo resolveu viajar pelos livros daquele país. Porém, todos preferem *Guerra e Paz*, do conde Tolstói. É muito mais vistoso e sempre oferece a possibilidade

de se conhecer o imperador Napoleão e conversar com ele. Há pouco tempo revisamos o catálogo e deixamos de oferecer um par de livros que não era mais visitado por ninguém, mas creio que *Primeiro Amor* não estava entre esses.

A esperança de viajar pela novela de Turgueniev me manteve aceso. Eu me perguntava como seria a história de amor do livro e que aspecto teria a protagonista. Porque era necessário que houvesse uma protagonista e um menino que se enamorasse dela. Eu seria esse menino. Nem sequer me passou pela cabeça que, ao viajar, eu pudesse me converter em outro personagem.

No dia seguinte, bem cedo, Pa e eu saímos. Era setembro, mas ainda fazia muito calor. Pelo caminho, enquanto íamos no monotrem, Pa me contou anedotas da Bibliotravel.

Havia um homem, por exemplo, que viajava sempre pela mesma novela. Nunca se cansava, nem abandonava a história antes de chegar ao previsível final. Ao que parece, o que fascinava esse leitor era precisamente isso: manter uma atitude passiva e não introduzir nenhuma mudança, para que tudo ocorresse sempre do mesmo modo.

No extremo oposto, estava uma mulher muito exigente, que vinha à agência com frequência, mas nunca repetia uma viagem. Tinha percorrido o catálogo inteiro, de *Alice no país das maravilhas* a *Vinte mil léguas submarinas*, e se queixava de que não escreviam livros suficientes, para que as pessoas pudessem viajar por eles.

Mas a história de que mais gostei foi a do viajante que visitou um romance chamado *A máquina do tempo* e voltou com umas flores brancas que não existiam no presente. Pelo menos, os botânicos consultados foram incapazes de identificá-las.

– E onde será que ele as colheu? – perguntei a Pa.

– Ele explicou que uma amiga as havia colocado no seu bolso, quando decidiu viajar através do tempo.

Pensando bem, tinha certo sentido. Se éramos capazes de viajar pelo interior dos livros, por que não podíamos ficar com objetos presentes nesses livros, como a funda de Davi ou o capacete de Dom Quixote, que fizessem um caminho inverso e chegassem até nós?

Eu me perguntei o que afinal acontecia com esses objetos. Continuariam nos livros ou desapareceriam se os trouxéssemos para o presente? Poderia um objeto estar ao mesmo tempo nos livros e fora deles?

Na agência, Pa me fez esperar no seu escritório, enquanto ele supervisionava as viagens dos primeiros clientes do dia. Comprovei com satisfação que *Primeiro Amor* estava entre os livros disponíveis e li na tela o seu resumo:

“*Primeiro Amor*. Ivan Turgueniev (1818-1883). Rússia Antiga. Durante o verão de 1833, o jovem Voldemar passa as férias em uma dacha, próxima de Moscou. Tem dezesseis anos e está se preparando para ingressar na universidade, mas estuda pouco. Um dia conhece Zenaide, uma jovem um pouco mais velha que ele, e logo se apaixona perdidamente por ela.”

Era o tipo de história que me interessava. Eu e Voldemar não tínhamos a mesma idade? Provavelmente devíamos ter a mesma curiosidade pelas garotas e as mesmas inquietações.

Comecei a observar, como outras vezes, a paisagem envolvente que decorava o escritório. No grande painel, o vento agitava uns ramos, e uns garotos nadavam e batiam os pés e as mãos na água do rio com intensidade. Um homem e uma mulher cavalgavam muito próximos, por um caminho arborizado. Ele usava um uniforme e ela

um lenço embaixo do chapéu. O homem sorria e se inclinava para a mulher, enquanto apoiava uma das mãos no pescoço do cavalo. Ela também sorria. Pensei que gostaria de ser aquele homem e provocar aquele sorriso. De vez em quando, muito distante dali, vinha o repicar de uns sinos.

Entrou o ajudante de gestos lentos, para anunciar que havia uma sala disponível.

Sentei na poltrona e esperei que me colocassem os estimuladores sensoriais. O amplificador de inteligência ronronava, inquieto. Ele também parecia ansioso por viajar pelo *Primeiro Amor*.

Pa chegou e me perguntou se estava pronto. Ia responder que sim, quando tive um súbito mal-estar e descobri que ainda não estava.

– O que você tem? – insistiu.

Dessa vez, nem sequer pude responder. Intrigado com meu silêncio, ele disse ao ajudante que não era necessário ficar, pois ele mesmo iria vigiar todo o processo.

– Vamos, conte o que está acontecendo – pediu Pa, abaixando a voz, quando ficamos sozinhos.

– Acho que me assustei.

– Se é só isso, é bastante comum. Chamamos isso medo da decolagem. O normal é que aconteça durante a primeira viagem. Estranho é acontecer com você agora, quando já fez algumas.

– Não é pela viagem – eu afirmei –, ainda que seja em parte. É como se eu esperasse muito desse livro. Não sei se gostarei desta Zenaide, nem se ela gostará de mim. Nunca saí com uma garota, a não ser em grupo. Não sei como tratar as meninas, não sei o que é preciso fazer para gostar delas, não sei nada delas...

Pa apoiou uma mão no meu ombro.

– Não tem muito que saber – ele me assegurou. – No fundo, não são tão diferentes. Basta se deixar levar pelas emoções e ser você mesmo. Se for você mesmo, essa garota...

– Zenaide – completei.

– Essa garota, Zenaide, gostará de você. Quando comecei a sair com sua mãe, ela me disse que eu não era como os outros, porque parecia sentir as coisas que fazia. Nunca me disseram algo mais bonito. Além disso, pense que é só uma viagem. Não precisa ficar nesse lugar. Se acontecer alguma coisa na história que o incomode ou de que você não goste, sabe que pode mudar. Na realidade, é o que sempre você fez. E você pode voltar a qualquer momento. “Viaje seguro com Bibliotravel” – cantarolou, brincalhão. – Mas, se quiser, eu tiro os estimuladores e deixamos isso de lado.

Disse a ele que já estava mais tranquilo.

– Tem certeza?

– Tenho.

– Vamos, então.

Quando começou a contagem regressiva, eu me agarrei na poltrona e fechei os olhos. Houve uma brusca queda de temperatura, e eu senti que avançava com grande velocidade em meio a uma tempestade de neve. Era como se tudo voasse ao redor, como se eu também voasse, cortando o ar e roçando, ao passar, os galhos das árvores.

Mas quando cheguei ao meu destino, fazia um dia bonito e ensolarado, e era possível ouvir o zumbido das abelhas. Eu vinha do rio, onde toda manhã costumava nadar por um longo tempo. Estava com o cabelo molhado e a camisa pendurada sobre o ombro. Por um estreito caminho, que serpenteava entre os matagais, me dirigia para a casa que meu pai e eu havíamos alugado, fazia duas ou três

semanas, para passar as férias.

Soou o sino de um monastério, vindo de longe, envolto na neblina do verão, e tive a impressão de haver vivido aquele momento outras vezes, não somente cada manhã, mas em outra época, que era incapaz de localizar e que podia estar tanto no passado como no futuro – ao menos foi isso que me pareceu.

Nossa dacha era uma casa imponente de madeira, com colunas, e três construções adjacentes, mas pequenas e de teto baixo, que também eram alugadas. Do mesmo modo que outros chamavam lugares desse tipo de A Capela ou A Granja, o dono, muito imaginativo, tinha batizado a vasta propriedade como O Arquipélago. Nossa casa era Ilha Maior e as demais eram Tranquila, Afortunada e Despreocupada. Umas cercas baixas separavam os jardins.

Naquela manhã, ao passar junto da Ilha Tranquila, que era a casa mais próxima da nossa, ouvi umas vozes e observei que as venezianas estavam abertas. Vi através das cercas, a pouca distância, uma garota alta e esbelta, usando uma roupa de listras. Em volta dela, quatro homens jovens esperavam que ela acabasse de colocar em suas cabeças umas grinaldas de florzinhas cinza. As grinaldas já estavam trançadas e ela dava os últimos retoques.

Eu estava encantado, olhando os cabelos negros da garota, com seus olhos entreabertos, seus lábios e sua cintura fina. O que eu não teria feito para receber de suas mãos uma daquelas grinaldas?

– Ouça, jovem! – disse alguém muito próximo. – Você não tem vergonha de estar sem camisa espiando as damas alheias?

Junto de mim, do outro lado da cerca, havia um desconhecido vestido de uniforme, que tinha se aproximado sem que eu percebesse.

Naquele momento, a garota se voltou para nós com uma grinalda

na mão. Seus olhos eram cinza, do mesmo tom ligeiramente azulado das flores. Quando me viu, suas sobrancelhas se arquearam, em um gesto cômico, e começou a rir.

Dei meia volta e corri até minha casa. Em meu quarto, me atirei na cama e, abraçado à almofada, permaneci longo tempo recordando sua imagem.

Nessa noite, durante o jantar, meu pai perguntou ao mordomo quem eram os novos vizinhos. Ao ouvir o nome da princesa Zasequim, disse:

– Ah, a princesa! Não deve estar em muito boa situação, se alugou essa casinha.

– Eles não têm carruagem própria – informou o mordomo, enquanto servia um dos pratos. – E os móveis parecem bastante baratos. Mas trouxeram muitos livros.

Eu escutava com atenção. Meu pai deve ter notado algo estranho em mim, porque perguntou:

– O que você tem? Parece um gato que acaba de comer um rato.

Estive a ponto de contar o que tinha me acontecido nessa manhã, mas fiquei quieto. Desde que minha mãe tinha morrido, era difícil para nós expressar nossos sentimentos e somente falávamos de coisas banais.

No dia seguinte ainda sentia a emoção da véspera. Enquanto nadava, parecia que eu via o rosto da moça em cada ondulação da água. E depois, ao voltar do rio, em cada clareira do bosque e em cada arbusto.

Encontrei um aglomerado de flores cinza, como as que a jovem havia utilizado para fazer as grinaldas, e pensei que ela talvez as tivesse colhido ali.

Como não ousava me aproximar da cerca, não pude vê-la. Ao

entrar em casa, meu pai me mostrou uma carta que acabava de receber. Nela, a princesa Zasequim pedia proteção a ele.

“Dirijo-me ao senhor” – escrevia – “como uma dama da nobreza a um cavalheiro”.

Dizia que meu pai conhecia gente importante, sendo que sua sorte e a da filha dela dependia dele, já que era viúva e seu marido a havia deixado em uma situação difícil. Ao terminar, pedia permissão para nos fazer uma visita.

Meu pai me mandou ver a princesa e transmitir a ela nossa solidariedade e pronta ajuda. Também deveria convidar a princesa a nos visitar no dia seguinte, à uma hora.

O pretexto, por sorte, me caiu como uma luva. Pus uma jaqueta e fui para a Ilha Tranquila. Um criado, a quem perguntei pela princesa, me fez passar por uma pequena sala, bastante desarrumada e com uma estante cheia de livros.

Junto à janela, uma mulher magra, de meia-idade, lia sentada em uma poltrona. Cachos de cabelo castanho, suspensos por uma estreita fita, cobriam suas têmporas. Usava um vestido pérola, com um brilho suave. Quando seus grandes olhos pousaram em mim, sorriu com doçura. Então eu fiz uma reverência, me apresentei e transmiti a mensagem de meu pai.

– Diga ao seu pai que não faltarei – ela me olhou como se me estudasse e acrescentou, em tom de reprovação: – Você é muito jovem!

– Nem tanto – balbuciei. – Logo entrarei na universidade.

– Seu pai ficará muito orgulhoso. Por favor, sintá-se em casa. Gosta de leitura?

Ia responder, quando tive o pressentimento de que a jovem das grinaldas se encontrava ali perto. Subitamente me virei, e, de fato,

reconheci que era ela que aparecia e se detinha à porta. Ela também me reconheceu e arqueou as sobrancelhas.

– Zenaide, minha filha – disse a princesa. – Zenaide, este moço é Voldemar, o filho do nosso vizinho.

– Já conheço o senhor Voldemar – disse Zenaide com ironia. – Pelo menos hoje está vestido para a ocasião.

Murmurei alguma coisa incompreensível para mim mesmo e, quase sem me dar conta, dei um passo em direção a ela. Nesse instante, ouvi um grunhido. Era a cachorrinha de Zenaide, uma lulu pequena, branca e fofa, que parecia ter saído de trás de sua saia.

– Fifi, quieta! – exclamou a jovem. – Não tenha medo, ela não morde. Apenas gosta de cheirar as pessoas. Permita, pois convém que você seja amigo dela, se quer ser meu amigo também.

Na hora, eu me inclinei e estendi o braço para a cachorrinha, que me cheirou e me deu uma enorme lambida.

– Vê? – perguntou Zenaide. E, em voz baixa: – Tem alguma coisa para fazer agora?

Pensei que os estudos podiam aguardar e respondi que não. Zenaide abandonou a sala e fui atrás dela. Chegando no outro cômodo, onde havia livros amontoados sobre os móveis, ela se sentou e me pediu que ajudasse a enrolar um novelo de lã vermelha.

Eu me sentei diante da jovem, que pôs a meada em minhas mãos. Nossos joelhos quase se tocavam. A cachorrinha foi se colocando entre nós e se pôs a mordiscar meu sapato.

– Ela gosta do senhor – disse Zenaide. – Também gosto. E de mim o senhor gosta?

– Se eu gosto da senhora?

– Sim. Já percebo que não está muito seguro.

Meu coração batia com tanta força que me pareceu estar ouvindo as suas batidas. Estive a ponto de perguntar se ela ouvia também.

– Zenaide, a senhora sabe que sim. Como poderia não gostar?

– Bem, bem, não vou mais incomodar o senhor.

Começou a enrolar a lã com cuidado. Eu não podia deixar de olhar para o seu rosto, que se revelava tão bonito. Nós dois estávamos calados. Somente uma vez ela abriu completamente os olhos, que quase sempre estavam semicerrados, e disse, surpreendendo algo no meu olhar:

– Não deveria me olhar assim. É como se o senhor se entregasse.

Soaram passos, acompanhados do tilintar de um sabre, e um hussardo apareceu no umbral.

Era o jovem uniformizado que tinha me surpreendido junto à cerca no dia anterior. Ele se chamava Belovsorov e tinha ido buscar Zenaide para dar um passeio a cavalo.

Em um instante, tudo mudou. Zenaide se levantou, jogou o novelo de lã sobre meus joelhos e se desculpou. Tinha de se arrumar para ir montar.

Foi então que eu me despedi de sua mãe e voltei para casa. Nunca antes tinha sentido ciúme.

No dia seguinte, a princesa Zasequim nos visitou e falou de assuntos financeiros com meu pai, que parecia muito impressionado.

Nessa tarde, eu me enchi de coragem e regressei à Ilha Tranquila. Não tão tranquila, pensei ao me aproximar, porque de fora era possível ouvir gritos e vozes alegres.

No meio da sala, de pé sobre uma cadeira, Zenaide agitava um chapéu de cavaleiro. Cinco homens, os mesmos que havia visto dois dias antes no jardim, tentavam introduzir a mão no chapéu.

Quando me viu, Zenaide desceu com agilidade da cadeira e me

apresentou seus acompanhantes. Eram, além de Belovsorov, um conde, um médico, um capitão e um poeta. Estavam jogando prendas, e ela havia perdido. Quem tirasse o bilhete da sorte, teria direito de beijar sua mão.

– Maidanov – disse Zenaide ao poeta –, escreva mais um bilhete, para o senhor Voldemar.

O poeta obedeceu, apesar dos protestos dos seus companheiros, que argumentavam que eu não tinha nenhum direito, e o outro bilhete foi se reunir aos demais no chapéu.

Zenaide voltou a ocupar o seu lugar sobre a cadeira e continuou agitando o chapéu.

Todos foram mais hábeis que eu. Quando introduzi a mão, somente restava um bilhete.

– Beijo! – li, sem poder acreditar.

– Pago duzentos rublos por esse bilhete – o conde me disse, mas eu não dei importância.

Zenaide desceu da cadeira e me estendeu a mão com dignidade. Precisamente quando me ajoelhei, meu rosto se deparou com seus dedos. Beije-os, e depois beije também o dorso da mão. Eu poderia ter ficado séculos naquela posição, mas no final ela se afastou.

O jogo das prendas continuou, depois pulamos corda, dançamos, recitamos poemas, contamos nossos sonhos e jogamos cartas.

Os risos não paravam e os latidos de Fifi se uniam a eles. Eu, que tinha sido educado na solidão, me sentia embriagado de felicidade em meio a tanta gente desconhecida, só porque Zenaide estava ao meu lado.

À meia-noite, um criado enviado por meu pai me intimou a voltar para casa. Fui, mas não me deitei.

Apoiado no parapeito de minha janela e olhando a festa ao longe,

fui tomado por certa tristeza, ao pensar que era muito jovem e, comparado com aqueles homens, tinha muito poucas possibilidades de ser eleito. Eles tinham vocações, carreiras, títulos de nobreza e eu acabava de sair do instituto.

No entanto, não podia deixar de pensar em Zenaide e de visitar aquela casa. Ia vê-la, mas quase nunca estava sozinha. Ou estava acompanhada pelo hussardo, ou estava sendo cortejada pelo conde, ou era rodeada por aquela corte inteira de admiradores. E eu não podia deixar de me perguntar: “Será que ela é igualmente amável com todos?”.

Às vezes, impossibilitado de estar sozinho com ela, eu me sentia um intruso e compreendia a fúria de Ulisses, ao voltar a Ítaca, e encontrar em sua casa todos os pretendentes.

Numa tarde, logo que cheguei, a princesa me informou que Zenaide tinha ido montar com Belovsorov. Para amenizar minha desilusão, quis me emprestar algum livro.

Ao ver que escolhia o *Werther* de Goethe, fez um gesto de contrariedade.

– Não convém – enfatizou. – O protagonista comete suicídio por amor, o que não deixa de ser uma bobagem.

Assim que ouvi a palavra amor, eu abri meu coração e contei a ela o quanto amava sua filha. Ela já sabia, mas ficou assombrada diante de minha veemência. Enquanto me confessava, percebi que seus olhos também se umedeciam.

– Tinha esquecido o que significa amar pela primeira vez – ela também me confessou. – O senhor é um jovem encantador e, desde que estamos aqui, tanto o seu pai como o senhor me deram provas de um afeto extraordinário. Se houver uma ocasião, não duvide de que falarei a seu favor. Mas Zenaide é caprichosa por natureza e não

me escutaria. Ela gosta do senhor, mas talvez não o bastante. Tenha paciência e espere. Talvez as coisas mudem.

– Tenho medo – afirmei – de que as coisas mudem muito depressa.

– A vida é longa. Somente aos jovens ela parece curta. Pode escolher qualquer livro, menos o *Werther*.

Escolhi os seis volumes do *Dom Quixote*, na tradução de Zhukovski. A princesa elogiou meu bom gosto.

– É o livro mais prazeroso do mundo e Dom Quixote é o homem mais nobre. Mas peço que leve um de cada vez. Assim terá sempre uma desculpa para vir.

Nessa noite, o primeiro volume me serviu de consolo. O livro me parecia familiar, com certeza porque tinha ouvido contar muitas de suas histórias. Cheguei até o final do terceiro capítulo e me deitei.

Nem sequer pude fechar os olhos. Pensava alternadamente em Zenaide e em Dom Quixote. Será que ela amava Belovsorov? E se deixaria ser beijada por ele? E pelo conde? Que faria Dom Quixote, ao sair da estalagem, uma vez armado cavaleiro? Conseguiria o amor de Dulcineia algum dia?

Eu me levantei mas, em vez de continuar lendo, me vesti depressa e saí para o jardim.

A noite era clara, as árvores sussurravam, cantavam os grilos. No final do jardim, a cerca que separava nosso terreno do vizinho terminava em um muro, junto ao qual crescia um abeto solitário. No tronco desse abeto eu havia gravado, um mês antes, o nome de Zenaide e o meu. Cheguei até ele e segui por um caminho.

De repente, a pouca distância, vi um casal que se abraçava. Estremeci, pensando em quem podia ser. Não me ouviram, porque não se moveram. Por certo, o canto dos grilos havia se superposto

ao rumor dos meus passos. Voltei ao abeto e aguardei, oculto por sua ramagem baixa e espessa.

Muito depois, passaram diante de mim e se separaram. Eram meu pai e a princesa Zasequim, que, enquanto nós jovens nos perdíamos nos labirintos do primeiro amor, utilizavam todos os atalhos que conheciam para chegar ao seu.

A descoberta daquela relação não me desagradou. Ao contrário, fez com que crescesse minha estima tanto por meu pai quanto pela princesa. Desde então, cada vez que os via juntos, conversando sobre letras de câmbio e juros, me divertia pensando com que cuidado protegiam sua intimidade da curiosidade dos outros.

Numa manhã, fui nadar mais tarde que de costume. Voltava do rio quando, à entrada de O Arquipelago, junto ao caminho, vi Zenaide flertando com Belovsorov.

Estava claro que ele gostava, e não podia censurá-lo. O hussardo tinha os olhos um pouco salientes, mas de resto era um bonito moço, alto e loiro, e o uniforme, com sua jaqueta verde e a calça branca, caía perfeitamente bem. Talvez por isso nunca estava à paisana.

Ia desaparecer discretamente, como se não existisse, quando vi uma carruagem de três cavalos, que avançava pelo caminho a todo galope em nossa direção, levantando uma nuvem de pó. Sem dúvida, estava atrasada para ir a algum lugar, porque o condutor fazia estalar o chicote. Vi também Fifi, a cachorrinha, que ia atrás de sua ama e se detinha cheirando algo na metade do caminho. Cheguei a ver ainda o gesto de pânico de Zenaide quando se deu conta, e a indecisão de Belovsorov, mas não pude ver mais, porque já estava correndo, pegando a cachorrinha e dando um salto, com ela nos braços para salvar sua vida.

A *troika* passou do nosso lado, fazendo tremer o caminho. Os cascos dos cavalos ou as rodas me roçaram, e inclusive me pareceu que alguma coisa tinha pisado um dos meus pés. Mas já estava do outro lado, estendido no pó.

Tinha soltado a cachorrinha, que se afastava latindo, morta de medo. E Zenaide se debruçava sobre mim.

– Querido menino – dizia, com uma mescla de pânico e ternura –, como pôde fazer isso por mim? Como pôde? Como eu gosto de você!

Seu peito respirava junto ao meu, suas mãos acariciavam minha cabeça. No mesmo instante em que os suaves lábios de Zenaide começavam a cobrir meu rosto de beijos, desmaiei.



REGRESSO AO PRESENTE

Quando recuperei os sentidos, estava estendido na minha cama. Ao meu lado estavam meu pai, a princesa e Zenaide. Meu pai, que raras vezes se alterava por alguma coisa, parecia o mais sereno dos três.

– Bom susto nos deu! – exclamou Zenaide, ao me ver abrir os olhos.

Ela me contou que Fifi estava bem.

– Valeu a pena – disse, pensando em seus beijos.

Pouco depois chegou o médico, que mandou que eles saíssem. Ele me fez um exame completo, mas somente encontrou contusões e uma torção no pulso, sem fratura. Reclamei de outras dores, que ele atribuiu à comoção e ao fato de ainda estar crescendo.

– Ainda tem dois anos para ser mais alto que seu pai – me disse, como se crescer fosse uma obrigação inevitável.

Antes de ir, enfaixou meu pulso e me receitou umas pílulas contra o enjoo.

Quando Zenaide entrou, sozinha, contei o que ela já sabia: que eu a amaria até o fim de meus dias. Ela respondeu que a princípio tinha me considerado um menino, e que depois havia começado a gostar de mim de um modo diferente, mas não mais que dos outros.

Sua mãe tinha avisado que eu era diferente, porque a amava muito, mas não tinha compreendido o quanto me amava até umas horas atrás, quando me viu estendido no pó. Tinha sido uma surpresa para ela mesma. Pediu desculpas por não ter me dedicado mais tempo, prometeu que dali por diante daria festas só para nós dois e, com uma mescla de mistério e malícia, perguntou como podia me recompensar.

Levantei a cabeça em sua direção, buscando a suavidade e a frescura de seus beijos.

Passei os dias seguintes na cama. Já estava bom para me levantar, mas não queria abrir mão de tantas atenções.

Zenaide estava quase sempre comigo. Contávamos recordações de nossas infâncias, que nos pareciam muito distantes, ou líamos em voz alta, e juntos ríamos das confusões de Dom Quixote e Sancho. Algumas vezes, seus largos cílios se erguiam de seus olhos cinza, como se quisesse comprovar que eu continuava acordado, e seu rosto parecia encher-se de luz.

Foi precisamente enquanto Zenaide me lia o trecho de *Dom Quixote*, em que Dom Quixote e Sancho descobrem que suas aventuras já tinham sido impressas e traduzidas, quando tive a certeza de que, se tudo naquele livro me parecia familiar, não era porque alguém havia me contado muitas de suas histórias, mas porque em outro tempo e lugar eu tinha lido esse livro e até viajado por suas páginas.

Vi com clareza o que estava acontecendo. Eu me lembrei da Bibliotravel e de Pa. Algum dia teria que deixar o *Primeiro Amor* para voltar ao presente. E, se isso acontecesse, era melhor que fosse mais ou menos rápido, antes que Zenaide e eu nos comprometêssemos de todo e chegássemos mais longe.

Mas como ia despedir-me, gostando tanto dela e após ter conseguido seu amor? Que desculpa podia dar a ela?

Em princípio, não diria que estava em um livro. Se um livro é como um sonho, e ao nos darmos conta de que sonhamos, despertamos, então o que acontece quando se descobre que toda a sua existência se reduz a uns capítulos?

Podia esperar que me dessem alta, ir ao rio para nadar e desaparecer. Todos pensariam que eu tinha me afogado. Mas seria muito cruel da minha parte. E também não queria fazer mal a meu

suposto pai, o Senhor Vasilievich, nem à princesa Zasequim.

Então lembrei que não tinha de procurar nenhuma justificativa, nem nenhum procedimento extraordinário para ausentar-me. Quando viajamos por um livro, somente nos relacionamos com os demais personagens enquanto permanecemos em seu interior, como um deles. Se voltasse ao presente, não deixaria nenhuma recordação, nenhuma marca. Ao abandonar o livro, seria como se eu nunca tivesse estado nele.

O problema, talvez, seria ao regressar. Porque essa ideia, a de regressar algum dia a *Primeiro Amor*, onde havia sido tão feliz, também começava a rondar a minha mente.

Olhei a amada Zenaide pela última vez, ou pela penúltima, enquanto ela lia para mim. Dobrei o pulso enfaixado até sentir uma dor, murmurei um “Ai!” quase imperceptível e, antes que ela pudesse levantar a cabeça para ver o que me ocorria, me esfumacei por completo.

Voltou o frio, e de novo me senti transportado a uma velocidade vertiginosa. Era como se um turbilhão me arrastasse por uma paisagem nevada, ou como se viajasse a bordo da impetuosa *troika* que quase tinha me atropelado.

Quando abri os olhos, vi a preocupação nos olhos de Pa.

– Sabe que horas são? – perguntou com a voz agitada, como se eu regressasse de uma diversão noturna e não de um livro com dois séculos sobre os ombros.

Olhei seu relógio. Passavam uns minutos das oito da noite.

– São oito horas? Estive quase nove horas no *Primeiro Amor*?

– Sim, quase. Na realidade, estive nove horas e onze minutos. Consultei o histórico do *Primeiro Amor*, e o viajante que passou mais tempo nesse livro não chegou a três horas. Pensei que não voltaria,

e que eu teria que ir atrás de você.

– É que estive a ponto de ficar.

Enquanto voltávamos para casa, contei tudo o que tinha me acontecido, desde que vi Zenaide pela primeira vez, ao voltar do rio, até que salvei a cachorrinha e ela me disse o quanto me amava. Descrevi a paisagem dos arredores de Moscou, que se parecia muito com o painel móvel do seu escritório, e os terrenos da dacha, onde as diferentes construções tinham nomes de ilhas. Contei que os livros de papel enchiam uma das casas, muitos dos quais não deviam mais ser encontrados em nossa época, mas que prometiam momentos deliciosos. Mencionei alguns títulos que recordava: *Werther*, *As almas mortas*, *os Contos de Hoffmann*...

Citei também *Dom Quixote* que eu, com o dom de línguas próprio dos sonhos, tinha começado a ler de novo, agora em russo. Elogiei a elegância e outras qualidades da princesa Zasequim, que não se parecia com Ma, mas sorria com a mesma doçura.

Já em casa, explodi:

– Pa, vou voltar ao *Primeiro Amor*, de Turgueniev. Amo Zenaide e sou correspondido. Não poderia me apaixonar por outra garota. Seria estúpido renunciar a ela, só porque está em um livro. Mas eu gostaria que viesse comigo. Voltei para dizer isso. Eu o amo e não vou me separar de você.

Percebi que se sentia agradecido.

– Já não tem um pai no *Primeiro Amor*, esse tal...?

Ficou em dúvida.

– Ele se chama Vasilievich, Pa. Sabe perfeitamente que, se vier comigo, você será ele. Até poderia se casar com uma princesa.

Ele me olhou pensativo.

– Tem um problema, não sei se você pensou nisso – ele enfatizou.

– Quando um viajante deixa um livro, é como se a ação rebobinasse e voltasse ao princípio, para que outro viajante, ao chegar, possa começar de novo. Se voltar... Se viajarmos – ele se corrigiu – ao *Primeiro Amor*, estaria na situação da partida. Voltaria a ter ciúme de Zenaide e teria de ganhar seu amor de novo. E desta vez poderia não conseguir.

Compreendi que a objeção era importante. Tinha sofrido por ela e não me arrependia, mas também não queria repetir tudo, nem voltar a jogar a minha vida para salvar a Fifi.

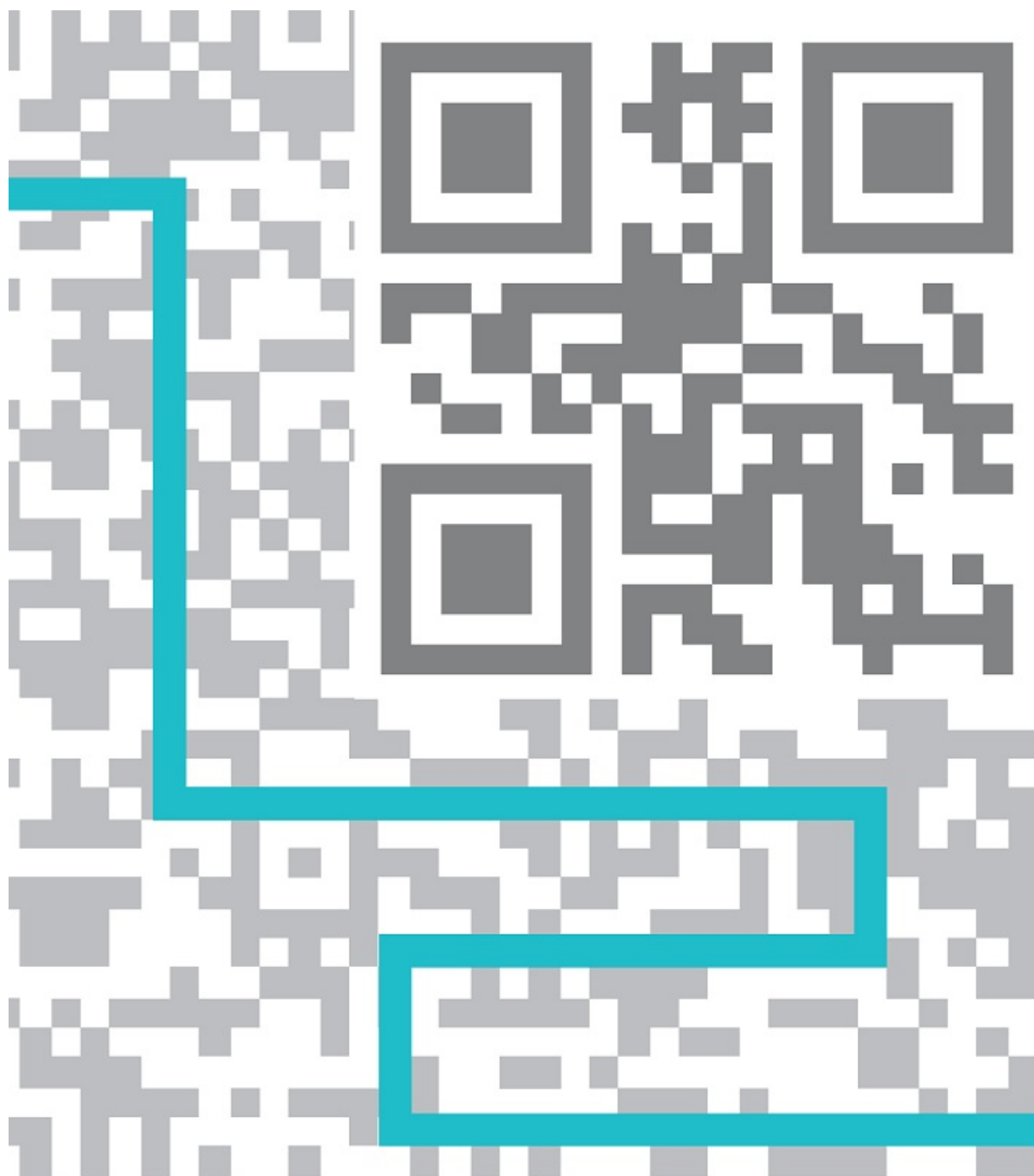
Pa sugeriu uma solução.

– Penso – falou – que, se conseguirmos eliminar a primeira parte do romance e começarmos com você na cama, enquanto Zenaide lê *Dom Quixote*, talvez pudéssemos continuar a partir daí. Seria como se jamais tivesse voltado ao presente, e eu poderia aparecer em qualquer momento.

Por azar, como não tínhamos lido o *Primeiro Amor*, ignorávamos se essa cena estava no livro ou se era algo que eu tinha tecido durante minha viagem.

Deitei cheio de dúvidas, mas o cansaço me fez dormir toda a noite de uma vez.

Já de manhã, sonhei que Zenaide me beijava. Abrindo os olhos, descobri Nove. Empenhado em me acordar, me dava furiosas lambidas com sua língua mecânica.



O LIVRO RECUPERADO

Fiquei o dia inteiro sem fazer nada, perdido em sonhos. Ao voltar do trabalho, Pa me trouxe um presente. Seu amigo e sócio, o engenheiro da Bibliotravel, tinha conseguido extrair do amplificador de inteligência o texto do *Primeiro Amor* e tinha feito uma cópia digital para mim.

Nessa mesma noite, comecei a ler no computador. O romance de Turgueniev era muito bonito, mas também triste. Vinte anos depois dos fatos, Voldemar evocava seu primeiro amor, Zenaide, que tinha trocado este por outro e logo tinha morrido. No livro, a princesa Zasequim tinha uns modos detestáveis, impróprios para uma princesa, e a cachorrinha Fifi nem sequer aparecia.

Não era de estranhar que, uma vez dentro do livro, eu tivesse feito o possível por corrigir a trama, cada vez que pressentia meu fracasso ou o final de minhas esperanças.

O que aconteceria agora, se Pa e eu voltássemos? Saberíamos evitar o desastre? Talvez, depois de tudo, fosse melhor que nos esquecêssemos da viagem e nos agarrássemos ao tempo presente.

Passaram um dia, dois, e então me pareceu ver algo assim como a saída de um túnel ao longe. Sabia ou intuía que, ao escrever, os autores tomavam elementos da vida real, própria ou alheia, e os desfiguravam para apagar as pistas ou para acentuar os efeitos dramáticos. Era o que haviam feito Cervantes, Dickens e Turgueniev. Era também, de certo modo, o que eu tinha feito durante minha viagem ao *Primeiro Amor*.

Por que não escrever outro livro, que começasse comigo na cama, convalescente, e com Zenaide lendo para mim, e que terminasse com um final feliz? Se Pa autorizasse e o amplificador de inteligência o admitisse, poderíamos viajar pelo interior desse novo livro sem muitos riscos.

Naturalmente, não quis dizer nada a Pa antes de terminar a aventura de escrever um livro. Era difícil escrever, porque não tinha essa experiência, como não havia tido a de amar. Mas tinha aprendido muito lendo os outros, e não seria necessário um livro longo.

Certa manhã, estava escrevendo *Meu primeiro amor*, que era o título provisório de minha versão do clássico de Turgueniev, quando soou o porteiro eletrônico e uma voz aguda perguntou por mim.

Era um robô mensageiro que me trazia um envelope. Pedi a ele que o colocasse no condutor pneumático. Um minuto depois, estava com ele em minha mesa.

Era um envelope acolchoado, sem remetente. Abri um lado despreocupadamente e dei um salto vendo o conteúdo. Era um exemplar intacto, em perfeito estado, de *A ilha dos livros perdidos*. Parecia completamente novo. Temi que se desfizesse diante de minha vista, mas não. Quando abri o livro, encontrei uma dedicatória, que dizia assim:

Querido amigo:

Sou um homem com duas obsessões. Uma delas é conseguir ler todos os livros do mundo, antes de morrer. Sei bem que não conseguirei, mas não importa.

A outra obsessão é a busca e captura de livros raros. Faz um par de meses, na Biblioteca, vi como você ficou indignado por não ter acesso a esse livro. Sempre pensei que, quando alguém pede um livro, é porque precisa, e que esse desejo deve ser satisfeito.

O livro que perseguia não estava na Biblioteca, como sabe, mas eu conheço outros buscadores de livros raros. Somos poucos, mas insistentes. Quando alguém tem uma verdadeira necessidade, como a sua, rastreamos o livro por todo o mundo, caçamos até conseguir,

escaneamos a obra cuidadosamente e a reproduzimos. Foi o que fizemos com o livro do seu bisavô: encontramos um exemplar com o papel relativamente bem conservado, embora não possa dizer onde, e realizamos uma reprodução perfeita, em papel estável.

O resto foi fácil, porque o seu endereço estava na cédula de identificação que preencheu na Biblioteca.

Não me agradeça nada. Sou eu quem tem motivo para agradecer a você. Não havia lido o livro de Félix Valdés e agora pude fazer isso. Devo a você essa oportunidade. É um bom romance, cheio de amor por seus semelhantes, o que quer dizer por outros livros.

Vai aqui um forte abraço do velho Ahab, que dedica a você esse livro em nome do seu bisavô, que não pôde passá-lo para as suas mãos, porque não chegou a conhecer o seu sensível bisneto.

Então era ele: o ancião de profundas rugas e de cabelos e barbas brancos! O caçador de livros perdidos. Virando as páginas, parecia que eu via este admirável caçador me piscando um olho.

Fiquei pensando que o ser humano é uma espécie desconcertante, capaz de todo o mal e também de todo o bem. Por um lado, assolamos o planeta, causamos a extinção das demais espécies, provocamos guerras e fome e acabamos com a quase totalidade dos livros de papel. Por outro, somos capazes de remover céu e terra para encontrar um só livro e fazer uma cópia.

Mas, agora que tinha o livro em minhas mãos, não me encontrava com disposição para ler. Temia que me impressionasse muito, sobretudo se o lesse sozinho, e que me impedisse de acabar o livro que eu estava escrevendo.

Então peguei a urna de cristal, retirei os parafusos, me desfiz das cinzas do exemplar anterior e coloquei a imitação no seu lugar. Enquanto parafusava a tampa, pensei que aquela casa com colunas

na portada se parecia muito com minha dacha, quer dizer, a de Voldemar, e que eu gostaria de ver a cara daquele jovem desgrenhado, que abria passagem entre os matagais. Era uma pena que estivesse de costas.

Chegou por fim o dia em que pude mostrar a Pa o livro que eu tinha escrito.

Foi divertido, porque ele custava a acreditar naquilo.

– *Meu primeiro amor!* É verdade que é seu? Não copiou ou baixou da Cosmonet?

– Não, Pa, é completamente meu e tem mais ainda: tentei preservar o toque de Turgueniev.

Expliquei a ele por que tinha escrito o livro e pedi que o lesse. Se estivesse de acordo, somente teria que o introduzir no amplificador de inteligências.

– Quer que viajemos no seu próprio livro? Não acha um pouco arrogante?

– Talvez seja, mas é um livro seguro. Um bom livro para viajar por ele.

Levou o livro para o seu quarto com o desejo de ler. De vez em quando, eu ouvia o seu murmúrio:

– Outro escritor, como o avô!

Durante dois dias não me disse nada. No terceiro, quando pensava que não tinha gostado do meu livro e que não sabia como me dizer, ele me contou que já o havia incorporado ao amplificador de Bibliotravel. A viagem estava prevista para a manhã seguinte.

– Mas tão rápido? – perguntei muito admirado.

– Amanhã vem pouca gente e convém que, na agência, todos estejam de prontidão, se houver complicações. Por certo, conto com o vestuário do senhor Vasilievich e com seus artigos de asseio.

Espero que sejamos do mesmo tamanho e que não tenha de me barbear com uma faca.

– Não se preocupe. Use uma navalha – disse a ele, lembrando que alguma vez, durante a viagem, eu havia utilizado uma para tirar a barba do rosto.

Não podíamos saber se íamos voltar ou se ficaríamos para sempre vivendo no livro. Então pensei, se por acaso, Pa não gostaria de levar duas coisas: o livro do bisavô e o holograma de Ma. Mas a urna era muito grande e o holograma muito delicado. Às escondidas, para que não se inquietasse, tirei o livro da urna e mostrei a ele.

Quando expliquei o que tinha acontecido e que aquele exemplar era uma cópia feita em papel estável, ele ficou um pouco bravo, mas menos do que eu esperava. De fato, ele ficou triste por saber que eu tinha passado por tantos apuros sem contar nada. Isto ele mesmo me confessou.

Quanto ao holograma de Ma, deixamos em seu lugar. Para se consolar, Pa guardou na carteira de bolso uns cartões holográficos do tempo em que eram noivos.

Também não podíamos abandonar Nove. Era um cachorro robô muito carinhoso e, como o cachorro de Ulisses, me reconhecia depois de cada viagem.

Queria me despedir de Marc, mas não o encontrava, mesmo tendo enviado várias mensagens. Já estava convencido de que, por qualquer razão, me evitava, quando ele me chamou.

Estava bronzeado e com bom aspecto. Então me contou que Marjorie e ele tinham se reconciliado, que ela não estava brincando com ele e que tudo o que havia feito era para que ele estivesse seguro do quanto gostava dela. Além disso, tinha havido um exagero das pessoas e não era para tanto. Assim, tinha perdoado a garota e

Marjorie também havia perdoado Marc, por ter duvidado do amor dela. Agora estavam juntos outra vez.

– Marc – interrompi, porque pressentia outro de seus monólogos intermináveis –, eu também estou apaixonado. É uma garota russa e se chama Zenaide. Vive no interior de um livro. Amanhã vou ver minha amada e não sei se voltarei.

Olhou para mim como se me olhasse pela primeira vez.

– Está de brincadeira comigo ou o quê? Você me disse que vive dentro de um livro e que vai ver essa tal de Zenaide?

– Exatamente. E, se for o caso, eu fico.

Ele se admirou. A curiosidade era mais forte que o desejo de continuar falando sobre sua Marjorie.

– Está bem, conte tudo. Sou todo ouvidos.

Comecei lembrando a ele aquela nossa conversa anterior sobre livros, quando ele tinha me falado que livros eram coisas de velhos. Expliquei o funcionamento da Bibliotravel e contei das minhas viagens literárias. E também contei tudo sobre o *Primeiro Amor* e Zenaide.

Ele só me interrompeu uma vez. Quando confessei o ciúme que senti, exclamou:

– E eu que acreditei que tinha passado o pior com Marjorie!

Continuei contando como havia salvado Fifi, como Zenaide havia me declarado o seu amor e como eu havia fugido do romance.

– E o que você vai fazer agora?

– Já disse. Vou voltar para o livro. Se quiser me ver algum dia, é só buscar a Bibliotravel.

– Ah! Que história! Daria para fazer um videogame com isso.

– Prefiro que seja outro livro.

Prometi que, se voltasse ao presente, iria trazer para ele uma

lembrança.

– Melhor trazer a Zenaide! Poderíamos sair os quatro juntos.

Concordei porque me pareceu uma boa ideia e nos despedimos.

No dia seguinte, na agência, a sala estava preparada e todo o pessoal aguardava para nos ver partir. Não era para menos. Até então, ninguém havia pedido para viajar a dois pelo interior dos livros e menos ainda com uma mascote.

Pa e eu nos sentamos nas poltronas reclináveis. Colocaram os estimuladores sensoriais em nós e também em Nove, que ficou muito contente porque sempre teve uma queda pelas tomadas.

A última coisa que ouvi, antes de me sentir transportado pelo movimento vertiginoso, foi a voz tranquila do engenheiro que dizia:

– O único perigo que pode ocorrer é irem parar em capítulos distintos.

Duas mulheres passeavam pelo jardim da Ilha Tranquila. Uma ia vestida de listras, a outra de cinza. Cada uma levava, apoiada no ombro, uma sombrinha rosa.

Logo que viu a cachorrinha, que seguia Zenaide, Nove sacudiu o rabo, começou a latir e correu em direção a elas. As mulheres pararam e, levantando a aba de seus chapéus de palha, olharam para nós.

– Pai, apresento a princesa Zasequim – disse a Pa, quando chegamos a seu lado, e logo percebi que tinha dado um fora, porque no livro eles já se conheciam.

– Meu filho, sempre tão brincalhão – ele se desculpou –, mudando de assunto.

– Querido Voldemar, como me alegro de vê-lo sem as ataduras! – exclamou a princesa, quando me inclinei para beijar sua mão.

Nove não parava de fazer gracinhas para a cachorrinha. Saltava,

farejava, ia se arrastando pelo chão como se nadasse. Zenaide morria de rir.

– Nunca tinha visto um cachorrinho de brinquedo tão cômico – afirmou. – O que tem aí? – ela perguntou de repente, apontando o livro que aparecia no bolso interno da minha jaqueta.

– É um livro escrito pelo meu bisavô, um livro que será publicado no futuro. O livro se chama *A ilha dos livros perdidos*.

– Que título lindo!

– É mesmo. Soa como se estivesse falando desta casa.

Sentamos na varanda e abri o livro. Agora sim, tinha chegado o momento de ler a obra de meu bisavô. Sentia o poder dos olhos de Zenaide, que me observavam sob seus longos cílios.

Comecei a ler em voz alta. No início, o texto me pareceu estranho, mas logo me acostumei e fui sendo levado pelo fluxo incessante das palavras, das frases e pelo ritmo da história:

“Pa e eu nos amávamos muito, mas falávamos pouco, principalmente desde a morte de Ma...”

VICENTE MUÑOZ PUELLES nasceu em Valência, em 1948. É autor de diversos romances, narrativas eróticas, romances históricos, biografias, livros de contos e livros infantis.

É considerado pela crítica literária como um dos mais importantes escritores na língua castelhana do nosso tempo. Recebeu diversas premiações, e suas novelas e romances já foram traduzidos para o mundo todo.

Além de textos para adultos, escreve para crianças e jovens e publica artigos e crônicas em diversos jornais e revistas da Espanha.

Em 1999 obteve o Prêmio Nacional de Literatura Infantojuvenil, outorgado pelo Ministério de Educação e Cultura da Espanha.

Em 2004 foi o vencedor do Prêmio Anaya Infantil e recebeu a indicação White Ravens para constituir o catálogo da Biblioteca de Munique, Alemanha.

Em 2007 foi vencedor do Prêmio Minotauro – Prêmio Internacional de Ficção Científica e Literatura Fantástica.

O FUTURO ESTÁ MAIS PRÓXIMO DO QUE IMAGINAMOS!

O projeto gráfico deste livro apresenta a tecnologia de **Códigos QR**. Eles são como “códigos de barras”, que carregam informações codificadas tais como textos e endereços de páginas da internet. Tanto a capa como as aberturas de capítulo possuem, além dos títulos escritos em alfabeto latino, uma codificação em código QR. Para decodificar essas informações, é necessário o uso de um celular com câmera fotográfica, acesso à internet e um aplicativo específico para o modelo do aparelho.



Isto é um código QR.

Título da edição original 2083

Copyright © Edebé 2008

Copyright © Vicente Muñoz Puelles

Título da edição brasileira 2083

Tradução **América Marinho e Sandra Nunes**

Tratamento literário **Jorge Miguel Marinho**

Coordenação editorial **Editora Biruta**

Capa e projeto gráfico **Monique Sena e Tadeu Omae**

2ª edição 2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Muñoz, Vicente

2083 / Vicente Muñoz; tradução América Marinho e Sandra Nunes.

São Paulo: Biruta, 2012.

Título original: 2083.

ISBN 978-85-7848-043-1

1. Ficção espanhola I. Título.

09-12966

CDD-863

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura espanhola 863

Edição em conformidade com o acordo ortográfico da língua portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Biruta Ltda.

Rua Coronel José Euzébio, 95 – Vila Casa 100-5

Higienópolis – CEP 01239-030 São Paulo – SP – Brasil

Tel: (11) 3081-5739 Fax: (11) 3081-5741

E-mail: biruta@editorabiruta.com.br

Site: www.editorabiruta.com.br

A reprodução de qualquer parte desta obra é ilegal e configura uma apropriação indevida dos direitos intelectuais e patrimoniais do autor.



2083

VICENTE MUÑOZ PUELLES

Tradução AMÉRICA MARINHO e SANDRA NUNES

